



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

**Manual do Futebolês:
“não pise na bola”
nos gramados da língua portuguesa**

AUGUSTO CÉSAR PONTE

Manual do Futebolês: “não pise na bola” nos gramados da língua portuguesa



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

**Fortaleza | Ceará
2018**

Copyright © 2018 by Inesp

Inesp

Thiago Campêlo Nogueira
Coordenador Editorial

Andréa Melo
Assistente Editorial

José Gotardo Filho
**Capa, Diagramação, Ilustrações
e Projeto Gráfico**

Vânia Monteiro Soares Rios
Revisão

Marta Lêda Miranda
Marluce studart
Assessoras de Revisão

Gráfica do Inesp
Impressão e Acabamento

Ernandes do Carmo
Coordenação de Impressão

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

P813m Ponte, Augusto César.
Manual do futebolês: “não pise na bola” nos gramados da língua portuguesa / Augusto César Ponte. -- Fortaleza: INESP, 2018. 135p. : Il. ; 21cm.

ISBN: 978-85-7973-098-6

1. Língua portuguesa, Palavras e expressões. 2. Futebol. I. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado. II. Título.

CDD 469.8

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro, desde que citados autores e fontes.

Inesp

Av. Desembargador Moreira, 2807 | Ed. Senador César Cals,
1º andar Dionísio Torres | CEP: 60.170900, Fortaleza - CE - Brasil
Tel: (85)3277-3701 | Fax: (85)3277-3707
<https://al.ce.gov.br/index.php/institucional/inesp> | inesp@al.ce.gov.br

Dedico este livro aos meus pais, Francisca Rodrigues Viana Ponte e Júlio César Castelo Branco Ponte, responsáveis pela minha essência e formação, estimuladores da leitura, que se iniciou com as revistas em quadinhos e as palavras cruzadas. Como exemplo, eles dignificam a sua própria existência, calcados na retidão, na honestidade; e, acima de tudo, no temor a Deus e no amor.

Existe apenas um bem, o saber; e, apenas um mal, a ignorância.

Sócrates

APRESENTAÇÃO

A palavra escrita tem uma autoridade superior à falada, porém, ambas, configuram entre os recursos mais poderosos da atualidade. Ainda assim, um leitor, frequentemente, depara-se com uma imensa quantidade de erros de português, ortográficos e de concordância, o que configura um grave problema, pois, ao serem lidos, são absorvidos e passíveis de reprodução.

O escritor Augusto César Rodrigues Viana Ponte, advogado, professor universitário e, atualmente, Procurador Geral do Município de Amontada, reagiu de uma forma muito positiva e didática frente aos erros de português na comunicação esportiva. Por encontrar nas páginas temáticas na internet, nos registros das telas dos noticiários, nos programas televisivos sobre futebol e, até, na fala de repórteres e locutores, erros crassos, decidiu elaborar este *sui generis Manual do futebolês: não pise na bola nos gramados da Língua Portuguesa*.

O livro, agora publicado pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, esclarece dúvidas de termos que são, comumente, aplicados na narrativa esportiva, mas, também, muito usados na comunicação diária de todas as pessoas. É com muita honra que esta Casa Legislativa entrega à sociedade cearense este trabalho, que é tão leve e divertido quanto útil.

Deputado José Albuquerque

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

PREFÁCIO

Quando se fala no emprego correto da Língua Portuguesa, uma gama de justificativas se impõe. Mas, em qualquer situação, a premissa básica é a de que escrever e falar corretamente facilita a transmissão das mensagens. Serão mais pessoas se comunicando com clareza, objetividade e fluidez e expondo suas ideias de forma linear.

Quanto mais expectadores existam para uma fala, maior é a responsabilidade sobre um conteúdo e o esporte está entre os assuntos que mais agrupam pessoas e que alimentam discussões acaloradas, sendo o futebol uma das suas mais populares modalidades.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, que, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, busca, diariamente, concatenar uma base de informações confiável e organizada sobre a realidade e divulgar pesquisas e reflexões críticas, publica e disponibiliza, com muito orgulho, ao público cearense o livro *Manual do futebolês: “não pise na bola” nos gramados da Língua Portuguesa*.

Thiago Campêlo Nogueira

Presidente do Instituto de Estudos e
Pesquisas sobre o Desenvolvimento
do Estado do Ceará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
“CRUZ DE MALTA” OU “CRUZ-DE-MALTA”, “CRUZMALTINA” OU “CRUZMALTINENSE”?	21
“ALÉM” OU “AQUÉM”?	22
“A SANGUE-FRIO” OU “SANGUE-FRIO” OU “SANGUE FRIO”?	23
“MÁ-FORMAÇÃO DA BARREIRA” OU “MALFORMAÇÃO DA BARREIRA”?	27
O TIME DE FUTEBOL “MAIS BEM PREPARADO” OU “MELHOR PREPARADO”?	28
QUAL O PLURAL DE GOL?	29
“BI-CAMPEÃO” OU “BICAMPEÃO”?	35
“HAVERÁ OUTRAS PARTIDAS” OU “HAVERÃO OUTRAS PARTIDAS”?	38
ELE SOFREU “UMA ENTORSE” OU “UM ENTORSE”?	41
“O MASCOTE” OU “A MASCOTE” DO TIME?	42
OS DOIS TIMES SÃO “PARELHOS” OU “PARELHA” OU “PARELHAS”?	43
“PERSPECTIVA” OU “EXPECTATIVA”?	43
BATEU O “RÉCORDE” OU “O RECORDE” NA ARTILHARIA”? ...	47
SOFREU UMA LESÃO “SERÍSSIMA” OU “SERIÍSSIMA”?	47
“O BEBÊ” OU “A BEBÊ” DO JOGADOR SE CHAMA VALENTINA?	48
A MULHER DO JOGADOR “DEU À LUZ A UM BEBÊ” OU “DEU À LUZ UM BEBÊ” OU “DEU A LUZ A UM BEBÊ” OU “DEU A LUZ UM BEBÊ”?	48
O TREINADOR DEU “PARABÊNS ATRASADO!” OU “PARABÊNS ATRASADOS!”?	49

O TIME “ACREANO” OU “ACRIANO” FOI DERROTADO?	50
ACOMPANHAR “OS JOGOS” OU “AOS JOGOS”?	52
O CHOQUE ENTRE CABEÇAS NA DISPUTA PELA BOLA SEMPRE CAUSA “RISCO DE VIDA” OU “RISCO DE MORTE”? ..	52
QUAL O PLURAL DE “ÁGUA MINERAL”?	53
O CLUBE “PAGOU O ATLETA” OU “PAGOU AO ATLETA”?	55
“MAIORES” OU “MAIS” INFORMAÇÕES?	55
TREZENTOS MIL DÓLARES “SÃO SUFICIENTES” OU “É SUFICIENTE” PARA PAGAR A MULTA CONTRATUAL DO JOGADOR?	56
SENTI “MUITO DÓ” OU “MUITA DÓ” DO FLAMENGO NA FINAL DA COPA SUL-AMERICANA?	56
“O TIME VENCEU “À CUSTA” OU “ÀS CUSTAS” DO ESFORÇO E DA DEDICAÇÃO DE SEUS JOGADORES?	57
O ZAGUEIRO MANDOU UM “MÍSSIL” OU “MÍSSEL” PARA O GOL ADVERSÁRIO?	59
“O RÁDIO” OU “A RÁDIO”?	61
O PREÇO DO JOGADOR ESTÁ “ALTO” OU “CARO”?	61
“PSEUDO-ATACANTE” OU “PSEUDOATACANTE”?	63
“A SUBSTITUIÇÃO DO JOGADOR FOI “O COMPONENTE” OU “A COMPONENTE” QUE FEZ A DIFERENÇA?	64
A TEMPERATURA NO ESTÁDIO CHEGOU A “ZERO GRAUS” OU “ZERO GRAU”?	64
O DIRIGENTE DESEJOU “FELIZ FÉRIAS” OU “FELIZES FÉRIAS” AOS ATLETAS DO CLUBE?	64
“BASTANTE” OU “BASTANTES”?	65
“ESTADIA” OU “ESTADA”?	67
NEGOCIA-SE “COM O CLUBE” OU “PARA O CLUBE” NO EXTERIOR”?	67

“A PRINCÍPIO” OU “EM PRINCÍPIO”?	68
“AO MEU VER” OU “A MEU VER”?	69
“A NÍVEL DE” OU “EM NÍVEL DE”?	70
JOGADOR “INVENDÁVEL” OU “INVENDÍVEL”?	73
“COPA SULAMERICANA” OU “COPA SUL-AMERICANA”?	74
“A ESTÓRIA” OU “A HISTÓRIA” DA VIDA DO ARTILHEIRO?	75
“FINTAR” OU “DRIBLAR”?	75
A SELEÇÃO DA ALEMANHA TEM MUITOS “HOMENS-GOL” OU “HOMENS-GOLES” NO SEU ATAQUE?	76
AS RECLAMAÇÕES ACINTOSAS FORAM “A GOTA D’ÁGUA” OU “AS GOTAS D’ÁGUA” PARA A EXPULSÃO DO JOGADOR?	76
A TORCIDA “DEPREDOU” OU “DEPEDROU” O ESTÁDIO?”	79
O JOGADOR DEU UMA “CABEÇADA” OU “CABECEADA” NA TRAVE”?	79
“A MAIORIA DOS JOGADORES QUE INTEGRA A SELEÇÃO BRASILEIRA RESIDE NO EXTERIOR” OU “A MAIORIA DOS JOGADORES QUE INTEGRAM A SELEÇÃO BRASILEIRA RESIDEM NO EXTERIOR”?	80
O ÁRBITRO NÃO TINHA “QUALQUER” OU “NENHUM” MOTIVO PARA EXPULSAR O JOGADOR?	81
A AUTORIZAÇÃO PARA O ATLETA JOGAR CHEGOU POR E-MAIL OU EMAIL?	83
O JOGADOR PEDIU “DESCULPA” OU “DESCULPAS” AO TREINADOR”?	84
OS DOIS ATLETAS DA DIVISÃO DE BASE DA EQUIPE SÃO VERDADEIROS “MENINOS-PRODÍGIOS” OU “MENINOS-PRODÍGIO”?	84
OS TREINOS DA SELEÇÃO BRASILEIRA OCORRERÃO “NA SEGUNDA E TERÇA-FEIRAS” OU “ÀS SEGUNDAS E TERÇAS-FEIRAS” OU “ÀS SEGUNDAS-FEIRAS E TERÇAS-FEIRAS”?	85

“OS ONZE ESTÃO ALINHADOS EM SEU RESPECTIVO LADO NO GRAMADO” OU “OS ONZES ESTÃO ALINHADOS EM SEUS RESPECTIVOS LADOS NO GRAMADO”?	85
O ÁRBITRO DECIDIU PELA “CONTINUIDADE” OU “CONTINUAÇÃO” DA PARTIDA?	88
É NECESSÁRIO QUE O TÉCNICO E O GOLEIRO “REMEDIEM” OU “REMEDEIEM” OS ESTRAGOS DAQUELA ÁSPERA DISCUSSÃO NA FRENTE DE TODOS?	89
“PODE-SE ADQUIRIR OU PODEM-SE ADQUIRIR OS INGRESSOS NA SEDE DO CLUBE”?	90
O GOLEIRO DO BOTAFOGO “PUXOU AO PAI” OU “PUXOU O PAI”?	91
“CENTROAVANTE” OU “CENTRO-AVANTE”?	91
GOSTARIA DE VER O TIME JOGANDO PELAS PONTAS, ONDE TEM “MENAS GENTE” OU “MENOS GENTE”?	92
DURANTE A PARTIDA, QUASE “INFARTAMOS” OU “ENFARTAMOS” COM A SELEÇÃO?	93
O CLUBE ESPANHOL FOI MULTADO PORQUE ESCALOU UM JOGADOR “DE MENOR” OU “MENOR”?	94
“REAL MADRI” OU “REAL MADRID”?	94
O BRASIL CLASSIFICOU-SE EM SEGUNDO LUGAR NO SEU GRUPO, MAS PASSOU À FASE SEGUINTE. “MENOS MAL” OU “MENOS MAU”?	97
O MINUTO DE SILÊNCIO ANTES DA PARTIDA FOI EM HOMENAGEM A UM “SÓCIO-EMÉRITO” OU “SÓCIO EMÉRITO” DO CLUBE?	99
O JOGADOR NÃO QUIS DAR ENTREVISTA, PORQUE ESTAVA ATRASADO PARA UMA “MESA-REDONDA” OU “MESA REDONDA” NUM PROGRAMA DE TEVÊ?	100
A INFORMAÇÃO NÃO CONSTAVA “NA URL” OU “NO URL” DA FIFA?	100

REFERENTE À PALAVRA “DESTRO”:	
O TIMBRE É ABERTO (É) OU FECHADO (Ê)?	102
OS JOGADORES E A COMISSÃO TÉCNICA REZARAM “JUNTOS AO” OU “JUNTO AO” CÍRCULO CENTRAL DO GRAMADO APÓS O TÉRMINO DA PARTIDA?	103
“ELEMENTO SURPRESA” OU “ELEMENTO-SURPRESA”?	105
QUAL É O PLURAL DE “ÔNIBUS”?	107
A SELEÇÃO BRASILEIRA DE 1982 É “O ÍDOLO” OU “A ÍDOLA” DAQUELA GERAÇÃO?	107
DEPOIS DO FATÍDICO 7 x 1 NA COPA DO MUNDO NO BRASIL, MUITOS TORCEDORES BRASILEIROS NÃO DESEJAM UMA “RE-EDIÇÃO” OU “REEDIÇÃO” DO CLÁSSICO ALEMANHA X BRASIL PARA AS PRÓXIMAS COMPETIÇÕES MUNDIAIS?	109
A PERGUNTA CORRETA SERÁ:	
“QUEM VOCÊ TORCE?” OU “POR QUEM VOCÊ TORCE?”	111
O TREINADOR DA SELEÇÃO BRASILEIRA SOLICITOU-NOS “OS DVD” OU “OS DVDS” OU “OS DVD ´S” DOS JOGOS DA ALEMANHA”?	113
ELE NÃO DEVE JOGAR AMANHÃ PORQUE SE QUEIXA DE FORTES DORES “NAS COSTAS” OU “NA COSTA”?	114
É CORRETO USAR A EXPRESSÃO “CORRER ATRÁS DO PREJUÍZO”?	115
A TORCIDA XINGOU OS JOGADORES DE “MAUS-CARÁTER” OU “MAUS-CARACTERES” APÓS A VERGONHOSA GOLEADA SOFRIDA?	116
SEGUNDO AS REGRAS QUE ESTÃO “VIGINDO”, FOI PÊNALTI? OU SEGUNDO AS REGRAS QUE ESTÃO “VIGENDO”, FOI PÊNALTI?	116
O ATACANTE AO CHUTAR “VISOU O CANTO” OU “AO CANTO” ESQUERDO DO GOLEIRO?	117

“MUITOS POUCOS TORCEDORES COMPARECERAM AO ESTÁDIO” OU “MUITO POUCOS TORCEDORES COMPARECERAM AO ESTÁDIO”?	122
JOGO IMPERDÍVEL PARA OS “AFICIONADOS” OU “AFICIONADOS”?	123
TÉCNICO “LINHA DURA” OU “LINHA-DURA”?	124
“O CLUBE BRASILEIRO DEVOLVEU DE VOLTA O ATLETA ARGENTINO” OU “O CLUBE BRASILEIRO DEVOLVEU O ATLETA ARGENTINO”?	125
“O CLUBE QUADRIPLICOU SEU LUCRO ANO PASSADO” OU “O CLUBE QUADRUPLICOU SEU LUCRO NO ANO PASSADO”?	126
“TRATA-SE DE MÁS GESTÕES DURANTE TODOS OS ANOS” OU “TRATAM-SE DE MÁS GESTÕES DURANTE TODOS OS ANOS”?	126
“NA DESPEDIDA, O ATLETA AGRADECEU PELA TORCIDA” OU “NA DESPEDIDA, O ATLETA AGRADECEU À TORCIDA”? ...	128
“O JOGADOR FOI ADVERTIDO COM O CARTÃO AMARELO, PORQUE FEZ ‘UMA SELFIE’ COM A TORCIDA APÓS O GOL” OU “O JOGADOR FOI ADVERTIDO COM O CARTÃO AMARELO, PORQUE FEZ ‘UM SELFIE’ COM A TORCIDA APÓS O GOL”?	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131

INTRODUÇÃO

Todos nós temos algo que nos incomoda ou irrita profundamente e, no meu caso, é a pronúncia ou a grafia incorreta de qualquer vocábulo da Língua Portuguesa, os erros gramaticais e o desprezo pelas regras de concordância e regência; em síntese, o mau uso do Português.

Também, sou um fã de futebol, vascaíno sadio, porque, parafraseando o grande Drummond, “não digo que sou um Vascaíno doente, pois doente é quem não é Vascaíno” e, quase sempre que posso, vejo os programas esportivos, as transmissões de partidas de futebol pelo rádio e pela tevê, bem como as entrevistas com os jogadores e técnicos e as críticas dos analistas esportivos.

Este livro é uma coletânea daquilo que, muitas vezes, observei, ouvi e testemunhei de erros crassos e desvios das regras gramaticais da Língua Portuguesa de jogadores, técnicos, locutores, repórteres e demais pessoas do meio esportivo, cuja linguagem é bem peculiar e não pode, jamais, fugir às regras que norteiam a escrita hígida e a fala escorreita do bom e preciso idioma pátrio.

Trata-se de uma obra desprezível, sem muita cientificidade, porque não se trata de uma gramática, mas de um manual específico que aborda inúmeros “escorregões” dos profissionais da imprensa esportiva e que, caso se interessem pelo livro, poderão, também, ser multiplicadores do respeito à Língua Portuguesa e que despertará a curiosidade de todos, tudo em prol da nossa Língua Pátria!

O autor.



“CRUZ DE MALTA” OU “CRUZ-DE-MALTA”, “CRUZMALTINA” OU “CRUZMALTINENSE”?

Não apenas por ser um vascaíno sadio e sem pretender contrariar Carlos Drummond de Andrade, que notabilizou a máxima, “*Não digo que sou um vascaíno doente, pois doente é quem não é vascaíno*”, mas muito me incomoda, como qualquer outro erro de grafia das palavras da língua portuguesa, as incorreções nas páginas esportivas ou mesmo nos registros das telas dos noticiários e programas sobre futebol, quando se referem às variantes da “Cruz de Malta”.

A “Cruz de Malta”, grafada sem o hífen e com letras maiúsculas, originalmente, é o símbolo da Ordem de Malta, uma organização de cavaleiros cristãos que data das Cruzadas, no século XI. Malta, oficialmente, República de Malta, é um país desenvolvido no sul do continente europeu, cujo território ocupa as Ilhas Maltesas, um arquipélago situado no Mar Mediterrâneo, 93 km ao sul da ilha da Sicília (Itália) e 288 km a nordeste da Tunísia (África), 1826 km a leste de Gibraltar e 1510 quilômetros a oeste de Alexandria.

Nos gramados do futebol, equipe cruz de malta (com a grafia em letras minúsculas) refere-se ao Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, isso por conta da cruz vermelha que integra o uniforme vascaíno, símbolo que vai estampado no escudo do aludido time de futebol, embora apresente algumas diferenças no desenho entre a cruz de malta, usada pelo Vasco, e aquela que representa a ordem militar.

A cruz-de-malta, com hífen e em letras minúsculas, é uma planta aquática de nome científico *Ludwigia Sedoi-*

des. Essa planta pode ser encontrada em lagos ou lugares com pouca correnteza. Ela é famosa por sua beleza, por suas folhas montarem um mosaico de cores entre o verde e o vermelho.

Alguns repórteres e locutores, ao se referirem à equipe de São Januário, denominam-na de a equipe **cruz-maltina**, termo, aqui, utilizado como um adjetivo.

Já **Cruzmalina**, com letra maiúscula, é um topônimo, um conhecido município do estado do Paraná. Os habitantes se chamam **cruzmalinenses**, que é um adjetivo pátrio, que indica a naturalidade da cidade.

Acréscimos: eventos esportivos e culturais, times e agremiações esportivas devem sempre ser grafados com letras maiúsculas: Copa do Mundo, Olimpíada Rio 2016, Campeonato Brasileiro de Futebol, Seleção Brasileira, Vasco da Gama, Corinthians, Copa Sul-Americana.

“ALÉM” OU “AQUÉM”?

Um dia, assistindo a entrevista pós-jogo de um conhecido treinador de futebol, também ex-jogador, doeram-me os tímpanos quando reclamou do time por ele treinado, que havia sido derrotado de forma competente pela equipe adversária e expressou-se da seguinte forma: “*Jogamos muito mal, o time esteve **além** das minhas expectativas!*” (ERRADO).

Alguns treinadores de futebol sempre procuram demonstrar conhecimento de língua portuguesa durante as famosas entrevistas e, não muito raramente, “péro-

las” como essa acabam surgindo de forma marcante e são bem divertidas, mas, jamais, devemos confundir **além** com **aquém**, este bem menos presente nos diálogos e na linguagem mais popular.

ALÉM na conotação sugerida no exemplo da fala do treinador, significa mais longe, superando as expectativas, superior em quantidade e/ou qualidade. Por outro lado, **AQUÉM** significa abaixo das expectativas na conotação acima, ou seja, ele quis dizer que o time jogou de modo inferior em quantidade (volume de jogo) e/ou qualidade.

Acréscimos: na formação de palavras compostas dos prefixos ALÉM e AQUÉM usa-se sempre o hífen. Exemplos: além-mar, além-túmulo, além-oceano, aquém-mar, aquém-oceano, aquém-fronteira.

“A SANGUE-FRIO” OU “SANGUE-FRIO” OU “SANGUE FRIO”?

Uma das maiores virtudes de um artilheiro e goleador é a calma e a tranquilidade diante de situações adversas dentro da área da equipe oposta, não devendo revidar faltas feias, cusparadas, cotoveladas, empurrões, golpes baixos, atitudes antidesportivas e outros artifícios típicos do chamado antijogo. Os goleadores têm o verdadeiro **sangue-frio** e essa palavra composta bem qualifica o atleta diante de um estádio lotado, quando num lance decisivo, decreta o sucesso ou insucesso de seu time naquele momento. Ocorre que muitos não a escrevem corretamente e confundem suas variantes.

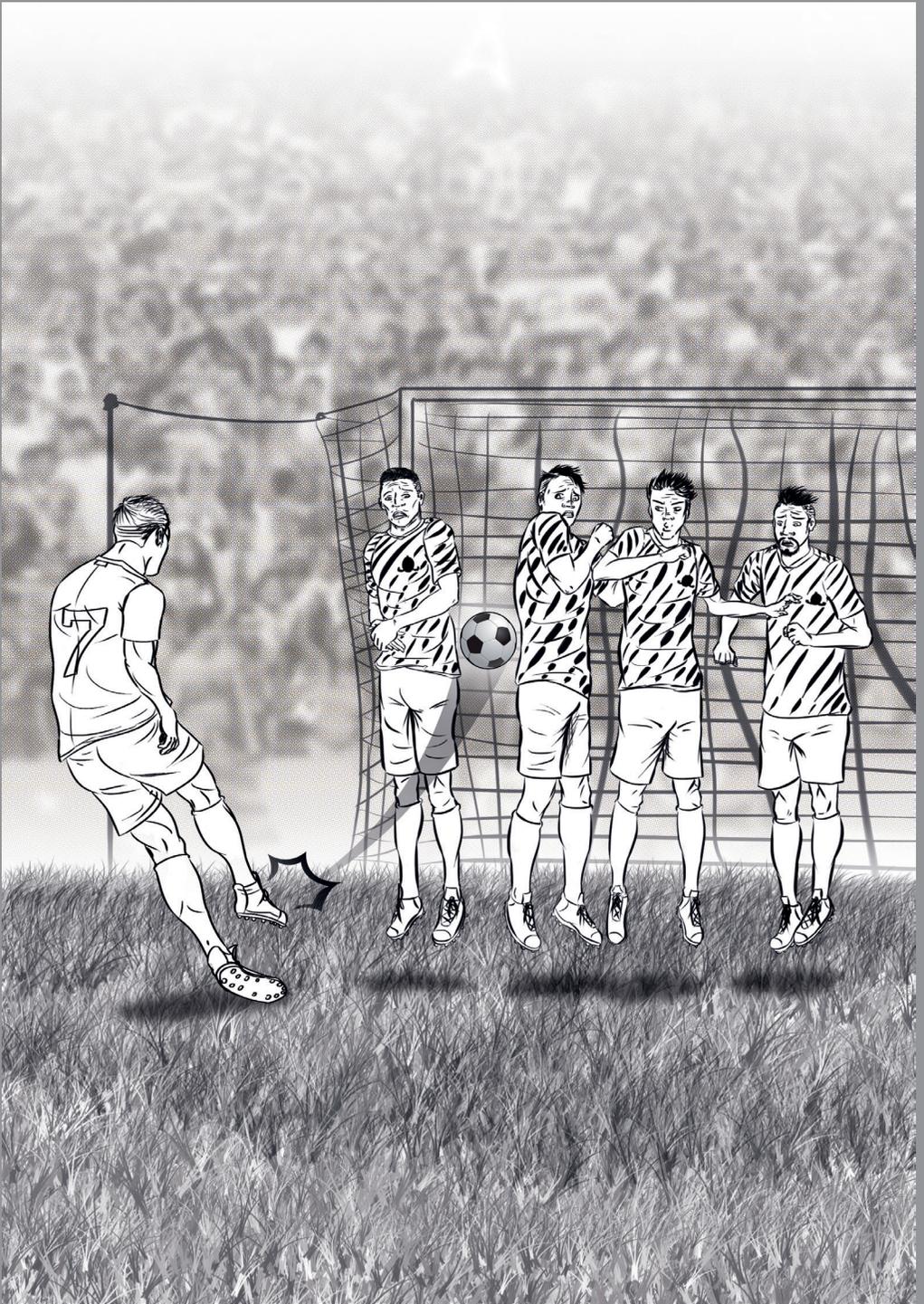
Não ocorre a crase diante da palavra composta masculina “sangue-frio”, que significa autocontrole, tranquilidade; frieza diante de situação difícil, perigosa, etc.: “Manteve o **sangue-frio** e não revidou a falta;[...] Já nos acréscimos do segundo tempo da prorrogação, ele cobrou aquele pênalti, demonstrou **sangue-frio**, marcou o gol decisivo e contribuiu para o time sagrar-se campeão!”.

A expressão **a sangue-frio**, também com o hífen, quer dizer, com serenidade, de forma impassível. Exemplo: “O *velho artilheiro sempre cobrou faltas e pênaltis a sangue-frio*”.

Denomina-se **sangue frio**, sem hífen, o sangue de animais (peixes, répteis) cuja temperatura não é constante e dependendo da temperatura do meio externo.

Acréscimos: há muitas dúvidas no emprego do hífen quando utilizamos o prefixo *anti*. Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento de uma palavra composta termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: anti-infeccioso, anti-inflamatório. Se o 1.º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento, escreve-se junto, sem hífen: antiaéreo. Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se: antirreligioso, antissocial. Para garantir a integridade do nome próprio usado como tal, recomenda-se a grafia com hífen em casos como *anti-Stalin*, *anti-Iraque*, *anti-Estados Unidos*, *anti-Flamengo*, *anti-Vasco da Gama*, *anti-Corinthians*. As formas derivadas seguem as regras dos prefixos, como em: *antistalinismo/antiestalinismo*, *antiflamenguista*, *antivascaíno*, *anticorinthiano*. Também, o hífen permanecerá em compostos com

o prefixo *anti* precedendo o segundo elemento iniciado por “h”: anti-herói, anti-higiênico, anti-hemorrágico. Nos demais casos, o prefixo *anti* segue a regra geral dos prefixos, grafando-se sem hífen: antijogo, antijurídico, antipatriota, antinflamenguista.



“MÁ-FORMAÇÃO DA BARREIRA” OU “MAL-FORMAÇÃO DA BARREIRA”?

Uma das mais decepcionantes partidas de futebol que assisti pela tevê foi a final do Mundial de Clubes, de 2017, entre Real Madri e Grêmio. Apesar de não ser gremista, mas como todo brasileiro, com exceção dos colorados, naquele jogo estava torcendo pelo time gaúcho. O detalhe é que numa falta de atenção terrível, numa cobrança de falta margeando a grande área, simplesmente a barreira abriu e de forma inteligente, Cristiano Ronaldo marcou um gol ao cobrá-la, com a colaboração dos jogadores que compunham a barreira humana, ou seja, por conta da má-formação daquela barreira. O time espanhol chegou à sexta taça (1960, 1998, 2002, 2014 e 2016), segunda seguida, e passou o penta da seleção brasileira.

Voltando à nossa dúvida, ambas as formas são registradas pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)*, editado pela Academia Brasileira de Letras (ABL). Má-formação é substantivo feminino, assim como malformação. Quando nos referimos à deformação de origem congênita ou hereditária, estamos falando de má-formação ou malformação.

Má-formação e malformação não se referem, apenas, a deformidades congênitas ou hereditárias. Quem assistiu à final do mundial de clubes da FIFA, em 2017, entre Real Madri e Grêmio, percebeu que o gol se deveu a uma **má-formação** (ou **malformação**) da barreira na falta, que deu origem ao insucesso do time brasileiro.

O plural de **má-formação** é **más-formações** e o de **malformação**, **malformações**.

O TIME DE FUTEBOL “MAIS BEM PREPARADO” OU “MELHOR PREPARADO”?

É comum a dúvida e, conseqüentemente, hesitamos ao utilizar a expressão “**mais bem**” em casos do jaez do questionamento deste tópico, porque, normalmente, nos inclinamos a sempre utilizar o advérbio “**melhor**” em situações comparativas. Lembre-se de que “melhor”, segundo o VOLP, pode ser um adjetivo de dois gêneros, substantivo masculino ou advérbio: “*Esta é a melhor jogada*”. “*Este foi o melhor passe do centroavante*.” “*O melhor do jogo ainda está por vir*”. “*O outro time jogou melhor*”.

A classe gramatical de **melhor** na expressão “**melhor preparado**” é a de advérbio, pois está modificando o adjetivo **preparado** (particípio passado do verbo preparar). Nessa situação e afins, portanto, o emprego de “**mais bem**” é a única forma correta aceitável.

Observe-se a seguinte frase: “*O quarto-zagueiro jogou **melhor** que os outros e conquistou a medalha de ouro e o prêmio de destaque da partida*”. Nesse caso, o uso do termo “**melhor**” é obrigatório porque o que estamos comparando é a ação de jogar, ou seja, um verbo. Melhor ou pior são termos empregados, geralmente, próximos a verbos.

Agora, observe: “*O atleta **mais bem preparado** conquistou a medalha de ouro*”.

Na ocorrência de expressões adjetivas (“**bem preparado**”) com verbos no particípio (**preparado**, por exemplo, particípio do verbo preparar), utiliza-se a expressão “**mais bem**”, ao invés do advérbio “**melhor**”. O uso da expressão é correto nessa situação porque o “**mais**” se refere à expressão “**bem preparado**”. Ou seja, ela não é

sinônimo de “melhor”, que geralmente traz o sentido de “**mais bom**” (cujo emprego é errado nesse caso).

Então, quando há verbetes no participípio, o uso da expressão “mais bem” é o recomendado. Livre-se de uma falsa sensação de erro gramatical diante dessa construção, que é a única aconselhada para elaborar tal sentença com essa conotação.

Outros exemplos: “Os estádios **mais mal construídos** serão pintados”. “O técnico fala inglês **melhor do que o zagueiro**”; “O atleta aprendeu a jogar futebol na escolinha **mais bem estruturada do Brasil**”; “O jogador do Real Madrid, Cristiano Ronaldo, lidera a lista dos atletas **mais bem pagos** pelo segundo ano seguido, com ganho de quase US\$ 100 milhões. Foram US\$ 93 milhões nos doze meses encerrados em junho”.

QUAL O PLURAL DE GOL?

Goal é uma palavra da língua inglesa, um estrangeirismo – para muitos, um barbarismo – , “gol” foi a palavra aportuguesada e que trouxemos para o idioma nacional.

O plural usual de gol (gols) é, também, uma forma de imitar o plural da palavra inglesa (*goals*), escapando de todas as regras para a formação do plural na língua portuguesa, quando nos referimos às palavras terminadas em “L”, pois a regra geral do nosso idioma não é pluralizar os substantivos terminados em “L”, simplesmente acrescentando um “S”, vejamos: painel- painéis, gel-geles, til-tiles, farol-faróis, plural-plurais, punhal-punhais, cal – cales ou cais, etc.

A forma pluralizada “gols” pode até parecer natural e já está “popularizada”, mas é meio estranha às normas cultas da língua portuguesa e o que é pior, sem uma explicação plausível, pois não tem justificativa diante das regras gra-

maticais. O termo é usado no Brasil, de forma popular, insista-se, embora muito difundido. No entanto, no português formal e com base nas regras atinentes, o plural de gol seria goles (com vogais fechadas) e/ou gois, que seguem a regra de formação do plural das palavras com terminação em “L”, mas devemos assentar que tais formas não são registradas como plural de “gol” no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Lá encontramos o substantivo masculino plural “goles”, mas, certamente, referindo-se ao plural de “gole” e não de “gol”.

Esse problema não se restringe, apenas, à palavra “gol”, também a unidade de medida “mol” (faria o seu plural com apenas o acréscimo da letra “S”?) traz divergências marcantes. Para o Prof. Fernando Lang da Silveira - www.if.ufrgs.br/~lang/, ao discorrer sobre a grafia correta das unidades de medida, *a documentação do INMETRO deve ser a referência* e explica o seguinte:

A **Portaria nº 590**, de 02 de dezembro de 2013, do INMETRO atualizou o Quadro Geral de Unidades de Medida adotado pelo Brasil.

Assim sendo toda e qualquer dúvida sobre unidades de medida no Brasil deve ser dirimida por meio do estudo dos documentos disponibilizados pelo **INMETRO**.

Quem consultar a portaria encontrará em seu Anexo, na página 2, no quadro relativo às sete unidades de base do SI, que a grandeza **quantidade de substância** tem como unidade de medida o **mol**. Já neste quadro encontra-se também o plural de **mol** como sendo **mols**.

Mais adiante, na página 4, tratando do plural das unidades de medida está escrito o seguinte:

b) exceto nos casos da alínea c), os nomes de unidades recebem a letra “s” no final de cada palavra:

· quando são palavras simples. Por exemplo: amperes, becquerels, candelas, curies, decibels, farads, grays, henrys, joules, kelvins, mols, parsecs, pascals, kilogramas ou quilogramas, roentgens, volts, webers, etc.;

Nota: Segundo esta regra, o plural do nome da unidade não desfigura o nome que a unidade tem no singular, não se aplicando aos nomes de unidades, certas regras usuais de formação do plural de palavras, como por exemplo, becquerels e não “becqueréis”, decibels e não “decibéis”, mols e não “moles”, pascals e não “pascals”, etc.

Faz parte da alfabetização científica de nossos alunos aprender não apenas português, mas também “físiquês” e “cientifiquês”, ou seja, aprender as linguagens relativas à Física e à ciência em geral. Mas para que tal aconteça seus professores devem dominar estas linguagens e quando tiverem dúvidas, saber como as dirimir. Neste caso específico a documentação do INMETRO deve ser a referência.

Com todo o respeito ao sábio professor, não me parece que uma portaria do Inmetro, apesar de ser um documento oficial, tenha o condão de estabelecer normas específicas

ou regras oficiais gramaticais de língua portuguesa, a não ser que na exposição de motivos desse ato administrativo tenhamos referências a dicionários, linguistas, diplomas oficiais de língua portuguesa, etc., somente assim poderíamos abonar, sem dúvida, a referência mencionada pelo mestre, que não pode ser descartada também.

Por outro lado, o sítio eletrônico www.flip.pt, na seção “Dúvidas Linguísticas”, numa resposta dada por Cláudia Pinto, com base no livro *Sistema Internacional de Unidades (SI) - Grandezas e Unidades Físicas - Terminologia, símbolos e recomendações* (ALMEIDA, 2002), assim discorre sobre o plural da palavra “mol”:

Antes de mais, convém esclarecer que há divergências entre a norma brasileira e a norma europeia do Português quanto à grafia e ao gênero da unidade do Sistema Internacional de Unidades cujo símbolo é *mol*. A tradição lexicográfica portuguesa, talvez por influência do francês, regista a forma *mole* como substantivo feminino (plural: *moles*), conforme se pode verificar seguindo a hiperligação para o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Os dicionários brasileiros, por seu lado, registam a forma *mol* como substantivo masculino (plural: *mols*, segundo o *Dicionário Aurélio*, e *mols* ou *moles*, segundo o *Dicionário Houaiss*). Ou seja, na norma brasileira há uma coincidência gráfica entre o símbolo (*mol*), que não tem plural, porque os símbolos são entidades matemáticas, e o singular da unidade (um *mol*).

Quanto à dúvida propriamente dita, regra geral, e tal como é referido na

resposta *concordâncias com unidades (I)*, as unidades de medida concordam em número com o numeral que as precede. Assim, por exemplo, *75 mol* lê-se *setenta e cinco moles* mas *1 mol* lê-se *uma mole* (ou *um mol*, no português do Brasil, como se referiu acima). O problema coloca-se relativamente à flexão de nomes contáveis após 0 ou 1 seguidos de casas decimais (ex.: *0,25 mol*; *1,2 l*), uma vez que parece não haver nenhuma referência gramatical taxativa sobre o assunto, havendo, sim, diferentes juízos de valor e opiniões de gramáticos ou linguistas. Por exemplo, na análise que fazem deste assunto em *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, (Lisboa: Editorial Caminho, 1995, pp. 512-517), João Andrade Peres e Telmo Mória defendem o uso do nome no plural (*0,25 mol = zero vírgula vinte e cinco moles*; *1,2 l = um vírgula dois litros*), ponderando (1) a tradição que os autores consideram existir, em Portugal, de se fazer geralmente a concordância plural nestes casos, (2) a prática consagrada, em Portugal, da concordância plural com o número *zero* e (3) o facto de estes números traduzirem uma noção de pluralidade, pois por meio deles “[...] se refere uma porção unitária a que acresce uma porção inferior à unidade (esta identificada por um algarismo diferente de zero à direita da vírgula).” (*op. cit.* p. 517).

Relativamente à justificação apresentada pelos autores no ponto (2), pesquisas

em *corpora* e em motores de busca revelam um comportamento divergente entre as normas portuguesa e brasileira. Em Portugal, é comum a utilização do plural com o número zero (*zero graus, zero pontos, às zero horas, etc.*), como aliás surge exemplificado no verbete zero do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências* (Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa / Editorial Verbo, 2001) ou da edição portuguesa do *Dicionário Houaiss* (Lisboa, Círculo de Leitores, 2002). No Brasil, tal uso é mais raro, sendo geralmente considerado agramatical e preterido em favor do singular (ex.: *zero grau, zero ponto, à zero hora, etc.*), como aliás é aconselhado no *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo* (3ª ed., S. Paulo, O Estado de S. Paulo, 1997 p. 313), de Eduardo Martins, e exemplificado no verbete zero do *Dicionário Houaiss* (Rio de Janeiro, Objetiva, 2001). Assim sendo, na norma portuguesa, a leitura mais consensual de 0,25 mol parece ser *zero vírgula vinte e cinco moles* e a de 1,2 l *um vírgula dois litros*, enquanto na norma brasileira parece ser *zero vírgula vinte e cinco mol* e *um vírgula dois litro*, respectivamente.

A título de curiosidade, é de referir ainda que a concordância do número zero com o nome contável que se lhe segue não é consensual também em outras línguas românicas. Em francês, por exemplo, recomenda-se o uso do nome do singular (ex: *zéro franc*), conforme se pode ver

consultando o verbete *zéro* no dicionário online *Le Trésor de la Langue Française informatisé*. Em espanhol recomenda-se o uso do nome no plural (ex: *cero puntos*), conforme se pode ver consultando o verbete *cero* do *Diccionario de la lengua española*, da Real Academia Española, ou a *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, (Madrid, Real Academia Española/Espasa, 1999, vol. 1, p. 1201).

“Mol” pareceu-nos ser a referência mais próxima na língua portuguesa para “gol”. Se o plural de “mol” pode ser “mols” ou “moles”, o plural de “gol” também pode ser “gols” ou “goles”. Em Portugal, esse problema não existe, pois melhor aportuguesaram o termo inglês para “golo”, que facilita a formação do plural, pela norma padrão, apenas acrescentando um “S” ao singular: golos.

Curiosamente, até a pronúncia da palavra “gol” é estranha às normas fonéticas da língua. “Gol” é pronunciado com a vogal fechada, enquanto outras palavras terminadas em **-ol** são pronunciadas com a vogal aberta: caracol, lençol, terçol, sol, até mesmo mol.

Portanto, ao que parece, a discussão sobre o plural de “gol” torna-se inócua, face à sedimentação e à popularização do plural “gols”. Entretanto, acaso estejamos falando da norma culta, de acordo com as regras gramaticais, o plural de gol é **goles** ou **gois!** “Na dúvida, você sempre pode recorrer a um sinônimo de gol, como por exemplo, tento: “O Vasco derrotou o Flamengo por dois tentos a zero!”

“BI-CAMPEÃO” OU “BICAMPEÃO”?

Os prefixos *uni*, *bi*, *tri* e *multi* não são grafados com hífen.

Exemplos: unilateral, bicampeão, triatleta, multicitada.

Certo dia, eu li de um professor de português que “Colocar hífen numa palavra dessas seria como escrever triângulo com hífen, coisa absurda!” E é a mais pura verdade!

Assim, se o meu time for dez vezes campeão, jamais poderei utilizar hífen com os demais numerais: campeão, bicampeão, tricampeão, tetracampeão, pentacampeão, hexacampeão, heptacampeão, octacampeão, enecampeão, decacampeão, hendecacampeão (undecacampeão), dodecacampeão e assim por diante. Aliás, nem podemos dizer que há uma exceção à regra quando estamos nos referindo ao time 23 vezes campeão, ou seja, tri-icosacampeão, pois o hífen não está separando a palavra “campeão”, mas “tri”¹ de “ícosa” (isso, porque há a repetição da vogal “i” nos dois elementos), ou seja, tri-icosacampeão é uma palavra formada pelos elementos gregos “tri”, ‘três’, e “ícosa”, ‘vinte’, mais a palavra “campeão”.

Portanto, a grafia correta é bicampeão!

Acréscimos: como podemos observar, a história complica-se a partir do 11.º campeonato. E há uma justificativa lógica para isso: no país do futebol, onde o nível técnico das equipes é muito parelho em qualquer campeonato, regional ou nacional, raramente uma equipe conquista 11, 12, 15, 20, 25 ou mais competições seguidas, não obstante o feito

¹ Tri- Na formação de palavras, exige hífen diante de palavra começada por “h” ou “i”: *tri-hídrico*, *tri-iodeto*. Se o segundo elemento começa por “r” ou “s”, duplicam-se essas letras: *trirretangular*, *trissílabo*. Nos outros casos, não se usa o hífen: *tricampeão*, *triencéfalo*.

ser bastante comum em clubes centenários, mas, quando falamos de conquistas intercaladas.

Além do mais, a maioria dessas palavras, digamos, designativas de campeões tem como base elementos de origem grega de pouquíssimo uso na língua portuguesa contemporânea.

Entretanto, para uma lista quase que definitiva e/ou quase completa, segue abaixo a relação dos campeões de 11 até cem conquistas seguidas (de hendeca a hectacampeão):

11 vezes: hendecacampeão ou undecacampeão

12: dodecacampeão

13: tridecacampeão

14: tetradecacampeão

15: pentadecacampeão

16: hexadecacampeão

17: heptadecacampeão

18: octodecacampeão

19: eneadecacampeão

20: icosacampeão

21: henicosacampeão

22: doicosacampeão

23: tri-icosacampeão

24: tetraicosacampeão

25: pentaicosacampeão

26: hexaicosacampeão

27: heptaicosacampeão

28: octoicosacampeão

29: eneaicosacampeão

30: triacontacampeão
40: tetracontacampeão
50: pentacontacampeão
60: hexacontacampeão
70: heptacontacampeão
80: octocontacampeão
90: nonacontacampeão
100: hectacampeão.

“HAVERÁ OUTRAS PARTIDAS” OU “HAVERÃO OUTRAS PARTIDAS”?

Já fui acometido de várias otites agudas causadas por um dos erros crassos mais frequentes não só no meio futebolístico.

O verbo “haver” no sentido de “existir” é invariável, ou seja, permanece sempre no singular.

Exemplos:

*“**Houve desentendimentos** entre o treinador e os jogadores ainda no vestiário”; “**Não haverá mais confrontos** entre as torcidas uniformizadas de Vasco e Flamengo”; “**Houve inúmeras chances** de gol para as duas equipes, mas os goleiros estavam numa noite inspirada”.*

Portanto, quando o verbo “haver” tiver o mesmo significado de “existir” ele, sempre, será um verbo impessoal, isto é, um verbo que não tem sujeito e, dessa forma, não tem com quem concordar.

Acréscimos:

“Fazem quatro anos que o Brasil foi goleado pela Alemanha”, no lugar do certo: “Faz quatro anos”. Outro erro crasso como “Houveram mudanças no futebol brasileiro desde a última Copa do Mundo da FIFA” (o certo seria “Houve mudanças”). O verbo “fazer” (no sentido de tempo) e o verbo “haver” (no sentido de existir), nesses casos, ficam no singular, mas não só eles, os verbos que os acompanham também.

Exemplos:

“Faz quatro anos que o futebol brasileiro passou pelo maior vexame de sua história”; “Já deve fazer uns dez meses que aquele time não conhece uma derrota”; “Há meses não sabemos do paradeiro do ex-técnico do clube”; “Deve haver motivos sérios para a demissão do jogador”.



ELE SOFREU “UMA ENTORSE” OU “UM ENTORSE”?

Um dos maiores dramas na vida de um jogador de futebol ocorre quando ele se lesiona gravemente e fica impossibilitado de dar continuidade ao trabalho no clube para o qual foi contratado, fora de partidas e vendo a possibilidade de ser substituído por outro companheiro de profissão que poderá fazer com que seja esquecido pelo treinador e a torcida. Um jogador de futebol é um apaixonado pela profissão, necessita de estádios lotados, do barulho da torcida, carece de estímulos da “galera” e dos seus aplausos, pois é um verdadeiro artista nos gramados dos monumentais palcos verdes mundo afora.

O substantivo entorse, que significa lesão dos ligamentos articulares, sem deslocamento dos ossos da articulação, é usado na forma feminina, a entorse, como consta no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) (5ª edição, 2009) e, mormente, na maioria dos dicionários portugueses.

Exemplo:

“O artilheiro sofreu uma entorse e ficará afastado dos gramados por três semanas, relatou o médico do clube”.

No entanto, há uma dicotomia quanto ao gênero da palavra “entorse”. Embora seja predominantemente feminina, alguns dicionários apresentam como masculina ou, até, comum de dois gêneros. Decidimos, neste livro, instituí-la como feminina.

Acréscimos: a luxação, também palavra feminina, é o deslocamento de um ou mais ossos de uma articulação e acontece quando uma força atua direta ou indiretamente sobre o nosso corpo. Em termos médicos, é definida como perda do contato articular, isto é, a separação de dois ossos que costumam estar interligados através da cartilagem. A contratura muscular é uma contração involuntária, constante e dolorosa de uma parte ou de todo o músculo e também é substantivo feminino.

“O MASCOTE” OU “A MASCOTE” DO TIME?

A palavra mascote tem sua origem na palavra do idioma francês *mascotte*.

Na língua portuguesa **mascote** é substantivo feminino. A mascote refere-se a uma pessoa, animal ou objeto que traz sorte, sendo sinônimo de amuleto e talismã. No futebol, normalmente, é aquela que simboliza alguma entidade típica do clube. No caso do Clube Atlético Mineiro é o galo; no Vasco da Gama é o português; no Flamengo é o urubu; no Cruzeiro é a raposa; no Santos Futebol Clube é o peixe; no Fortaleza é o leão; no Ceará é o vovô e tantas outras mais. Mascote se refere, também, a um animal de estimação ou a uma planta trepadeira com flores vermelhas, nativa da Amazônia.

Portanto, a expressão correta é “a mascote do time”!

Acréscimos: há inúmeros substantivos masculinos terminados pela vogal “A”: planeta, cometa, mapa, tapa, tema, diadema, sofisma, diagrama, telefonema, aneurisma, etc. Mas, também, apesar de raros, temos substantivos femininos terminados pela vogal “O”: tribo, libido, foto e moto.

OS DOIS TIMES SÃO “PARELHOS” OU “PARELHA” OU “PARELHAS”?

Parelho pode ser um adjetivo, cujo sinônimo é igual, parecido, semelhante e, também, pode ser um substantivo masculino, significando roupa de homem (calça e paletó), ou utilizado no Rio Grande do Sul indicando um campo que se estende plano e sem ondulações.

No meio futebolístico parelho é utilizado mais como um adjetivo e como tal, é variável, flexiona no gênero e número (parelhos ou parelhas).

Exemplos:

“Foi **uma partida parelha**, equilibrada, cinco chances de gol para cada equipe”; “Levando-se em conta a boa fase dos clubes, teremos **um duelo parelho**”; “Se você ler os observatórios de dados das partidas, foram **três jogos parelhos** no ano, sem dúvida alguma!”.

Portanto, a forma correta é “**os dois times são parelhos**”.

“PERSPECTIVA” OU “EXPECTATIVA”?

Essas duas palavras não são sinônimas, têm significados diferentes, mas no cotidiano e na linguagem futebolística são utilizadas de forma equivocada.

Perspectiva, no geral, é o modo através do qual alguma coisa é representada ou vista: “*na perspectiva dos fanáticos torcedores brasileiros, o nosso futebol é o melhor do mundo, assim como tivemos a melhor seleção e o melhor jogador de todos os tempos.*”

Também, pode ser o modo como se concebe ou se analisa uma situação específica; ponto de vista.

Exemplos:

“As perspectivas de sucesso da Seleção Brasileira no próximo Campeonato Mundial da FIFA são bastante positivas, graças à credibilidade do novo treinador.”

“Tendo em conta a minha perspectiva, você está errado! A Seleção Brasileira enfrentará muito frio, retranscas e o favoritismo lhe será bastante prejudicial.”

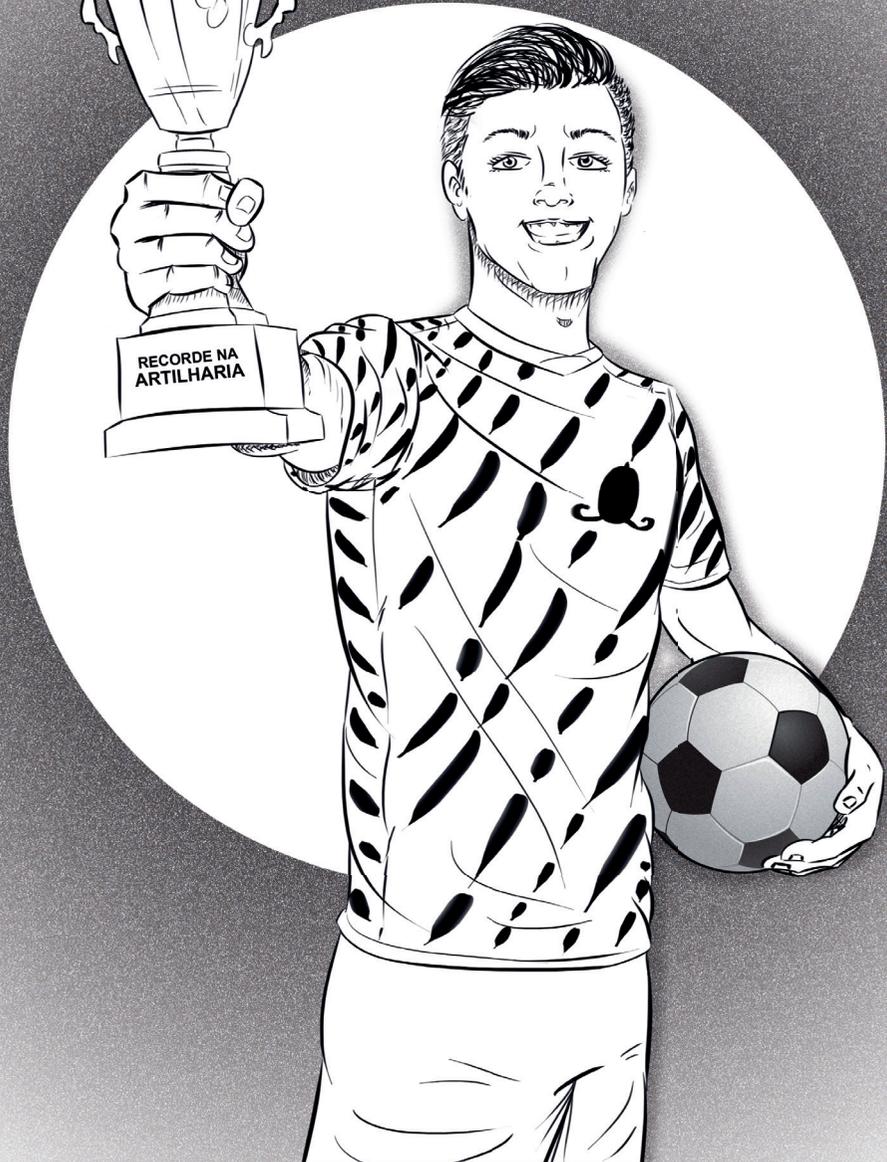
No que toca à **expectativa**, que é grafada com “x” e não com “s”, trata-se de uma condição de quem espera para que algo aconteça: expectativa de conquista do campeonato. Estado de quem espera algum acontecimento, baseando-se em probabilidades ou na sua possível efetivação: expectativa de mais um título mundial para a Seleção Brasileira.

Exemplo:

“O crítico isento, portanto, externa perspectivas, revela seu ponto de vista e dá a sua opinião baseado em dados concretos e prováveis, sem paixões e/ou desejos, enquanto que o crítico bairrista e/ou o torcedor fanático revelam as suas expectativas calcadas simplesmente no seu desejo e na sua paixão.”

Acréscimos: espectador (com “esse”) é aquele que assiste a um espetáculo, seja ao vivo ou pela tevê, neste caso, telespectador. Para não cometermos qualquer equívoco, podemos fazer uma relação do “s” de espectador com o

“s” de espetáculo. Expectador (com xis) é aquele que está na expectativa de alguma coisa; é aquele que alimenta a esperança ou a probabilidade de conseguir algo. Estar na expectativa de uma grande partida de futebol.



BATEU O “RÉCORDE” OU “O RECORDE” NA ARTILHARIA”?

O vocábulo estrangeiro *record*, um anglicismo como muitos outros, quando é sentido como necessário, ou pelo menos útil, tende a adaptar-se à fonologia e à morfologia da língua nacional, o que para a nossa língua vem ser o aportuguesamento.

Para que usarmos *récorde*, grafando-o como pronunciado na língua inglesa, *record*, quando a palavra já foi aportuguesada como *recorde* (*cór*)? Recorde (*cór*) é uma palavra paroxítona na língua portuguesa, ou seja, a sílaba forte é a **COR** e não uma palavra proparoxítona, como pretendem alguns equivocados.

Portanto, o certo é “bateu o recorde na artilharia”.

SOFREU UMA LESÃO “SERÍSSIMA” OU “SERIÍSSIMA”?

Escrevem-se com “i” dobrado os superlativos originados de adjetivos com “io” na terminação (precedida de consoante): sério – seriíssimo, macio - maciíssimo, frio - friíssimo.

ATENÇÃO! Quando o adjetivo termina em “eio”, não se dobra o “i”: cheio - cheíssimo. Feio é exceção à regra. Feiíssimo é a forma preferida dos grandes escritores, e tem o apoio do Vocabulário Oficial.

Exemplo:

“O jogo foi feiíssimo!”

Portanto, o correto é grafar “sofreu uma lesão seriíssima”.

“O BEBÊ” OU “A BEBÊ” DO JOGADOR SE CHAMA VALENTINA?

Segundo o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), “bebê” é substantivo comum de dois gêneros².

Dessa forma, pode ser “*O bebê se chama Valentina*” ou “*A bebê se chama Valentina*”.

No entanto, é mais comum o uso da palavra “bebê” no masculino (o bebê, meu bebê).

Acréscimos:

Você sabia? No português europeu, a forma correta de escrita da palavra é *bebé*, sendo pronunciada com “e” aberto (é) nas duas sílabas. A pronúncia brasileira com “e” fechada (ê) nas duas sílabas está mais de acordo com a pronúncia da palavra original em francês. A diferença na acentuação aberta e fechada entre o português europeu e o português do Brasil ocorre, também, em outras palavras, como: *puré* e *purê*, *caratê* e *caraté*, *crochê* e *croché*.

A MULHER DO JOGADOR “DEU À LUZ A UM BEBÊ” OU “DEU À LUZ UM BEBÊ” OU “DEU A LUZ A UM BEBÊ” OU “DEU A LUZ UM BEBÊ”?

Qual a frase correta? (com o sentido de “*A mulher do jogador pariu um bebê*”).

² Substantivo comum de dois gêneros são os substantivos que apresentam uma só forma para o gênero masculino e o gênero feminino, sendo a distinção de gênero feita através dos artigos “o”, “a”, “um”, “uma” ou de outros determinantes. Exemplos: o estudante / a estudante, o cliente / a cliente, o artista / a artista, o colega / a colega, o dentista / a dentista.

“A mulher do jogador deu à luz a um bebê”; “A mulher do jogador deu à luz um bebê”; “A mulher do jogador deu a luz a um bebê” ou “A mulher do jogador deu a luz um bebê”.

Resposta:

“A mulher do jogador deu à luz um bebê.”

Reparem na construção original: “A mulher deu um bebê à luz”.

Sujeito: a mulher. Verbo: deu. Objeto direto: um bebê. Objeto indireto: à luz.

A lógica da construção é esta: ao nascer, todo ser humano é dado, pela mãe, ao mundo, isto é, “à luz”.

Utilizando o objeto indireto antes do objeto direto: **“A mulher deu à luz um bebê”**.

Outros exemplos: “A mulher que **deu à luz** quíntuplos passa bem”; “Como **dar à luz** filhos saudáveis?”; “A mulher **deu à luz**”.

Fontes: ABC da Língua Culta, de Celso Luft, e sítio Português na Rede.

O TREINADOR DEU “PARABÉNS ATRASADO!” OU “PARABÉNS ATRASADOS!”?

Parabéns é um substantivo masculino plural.

Dessa forma, a concordância nominal correta é “O treinador deu parabéns atrasados”.

Parabéns, também, tem singular: a palavra parabém. Nós é que não a usamos.

O antônimo de parabém é o substantivo pêsame, que também é usado no plural. Exemplos: “*Meus pêsames*”; “*Visita de pêsames*”; “*Dar os pêsames*”.

Acréscimos: parabenizar é felicitar; oferecer os parabéns a alguém por alguma coisa. Trata-se de um verbo transitivo direto e bitransitivo. Exemplos: “*Com pretexto de parabenizar o Corinthians pela conquista da Copa do Brasil, o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, visitou nesta sexta-feira o presidente do Corinthians, Andrés Sanchez*”. (Folha de São Paulo, 17/07/2009).

Outro exemplo:

“*Parabenizou os jogadores pela conquista inédita da Copa Sul-Americana*”.

O TIME “ACREANO” OU “ACRIANO” FOI DERROTADO?

Não há melhor resposta do que a de Thaís Nicoleti de Camargo, consultora de língua portuguesa do grupo Folha-UOL. Ela possui um blogue que discute questões sobre a língua portuguesa e dá dicas para quem quer escrever melhor e tem dúvidas no emprego da chamada norma culta:

“Quem nasce em Cabo Verde é cabo-verdiano; quem nasce no arquipélago dos Açores é açoriano. Observe a terminação da palavra, o sufixo “-iano”. Segundo a convenção orto-

gráfica anterior, quem nascia no Estado do Acre, no Brasil, era acreano e quem nascia na cidade de Torres, no Estado do Rio Grande do Sul, era torreense. Os sufixos, nesses casos, eram “-eano” e “-eense”.

O Novo Acordo vem uniformizar todas essas grafias, recomendando o emprego das formas “-iano” e “-iense”, já comuns em muitos termos. Assim, “acreano” cede lugar a “acriano”, esta a única grafia correta agora. O mesmo vale para quem é natural de Torres, que agora passa a “torriense”, com “i”.

Convém lembrar que os naturais da Guiné-Bissau, país africano de língua portuguesa, continuam sendo “guineenses”. Do mesmo modo, os habitantes da Guiné continuam sendo “guineanos”. Isso ocorre porque o nome “Guiné” termina com “e” tônico (veja-se o acento). A substituição do “e” pelo “i” dá-se somente quando o nome de origem termina em “e” átono (como “Acre”).

O que é relativo ao antigo Daomé, hoje Benim, também um país da África, é “daomeano” (a terminação em “e” tônico o não permite a sufixação em “-iano” ou “-iense”).”

Portanto, a forma correta é **“O time acriano foi derrotado”**.

ACOMPANHAR “OS JOGOS” OU “AOS JOGOS”?

O verdadeiro torcedor acompanha os jogos de seu time, portanto, a opção correta é a primeira.

Acompanhar é sinônimo de: escoltar, seguir. Neste caso, apresenta-se como sendo um verbo transitivo direto: Ir junto com, seguir, reconduzir: acompanhar uma visita até a porta. Fazer companhia: acompanhar os amigos. Seguir a parte cantante de uma música: acompanhar o cantor ao piano. Observar a marcha, a evolução, o desenvolvimento de. Ser da mesma opinião que. Participar dos mesmos sentimentos de alguém.

Acréscimos: o verbo acompanhar pode ser bitransitivo, só transitivo direto ou transitivo pronominal.

Separação silábica: a-com-pa-nhar.

O CHOQUE ENTRE CABEÇAS NA DISPUTA PELA BOLA SEMPRE CAUSA “RISCO DE VIDA” OU “RISCO DE MORTE”?

É importante dizer que, tradicionalmente, a expressão empregada, quase sempre, foi risco de vida. Assim, foi o uso de nossos avós, e assim empregaram maciçamente os nossos literatos mais considerados ao longo dos tempos. Por outro lado, não se pode negar que, de uns tempos para cá, houve a redescoberta da expressão “risco de morte”. Sendo assim, é possível afirmar que as duas expressões estão

corretas e ambas trazem o mesmo conteúdo semântico. Em risco de vida, está claro que o significado é o risco de perder a vida. Em “risco de morte”, está claro que o significado é o risco de encontrar a morte.

Ambas as expressões estão corretas!

QUAL O PLURAL DE “ÁGUA MINERAL”?

Segundo as regras da concordância, os determinantes assumem o número e o gênero dos nomes a que se associam explicitamente. Por isso, um substantivo mais adjetivo concordam em número e gênero: “águas minerais”.

Na expressão “duas garrafas de água mineral”, “água mineral” está no singular por se tratar de um complemento de “garrafas” introduzido pela preposição *de*. Dizer apenas “duas águas minerais”, elidindo o nome do objeto que contém a água (ou continente), depende da liberdade de expressão que o contexto favorece; tratando-se de linguagem coloquial, não bloqueia de modo nenhum a comunicação. A expressão “duas água mineral” não é viável em um estilo formal, porque as regras de concordância não são cumpridas.

Portanto, o plural de água mineral é **águas minerais**.



BPN BANCO PORTUGUÊS DE NEGÓCIOS

Preparação: 35.000.000,00 €

Assinatura: *Dois do Time de Futebol*

à ordem de **Um Time de Futebol**

a quantia de **Trinta e cinco milhões de Euros**

ISSUA em LISBOA em 2011



O CLUBE “PAGOU O ATLETA” OU “PAGOU AO ATLETA”?

Erro:

“Ao término do contrato, o clube pagou o atleta”.

Forma correta:

“Ao término do contrato, o clube pagou ao atleta”.

Exemplo:

O verbo “pagar” exige dois complementos (bitransitividade) – um deles acompanhado de preposição (pessoa) e o outro sem preposição (coisa). Assim: *“Paguei o serviço(objeto direto) ao atleta (objeto indireto).”* Assim, pela regência do verbo pagar, torna-se fácil desvendar o mistério: nunca pagamos alguém, mas sim a alguém (verbo transitivo direto e indireto).

Acréscimos: jamais podemos esquecer que *milhão, bilhão e milhar* são palavras masculinas: Dois milhões de pessoas assistiram ao jogo pela tevê. Os dois bilhões de entradas e impressos desapareceram. Os milhares de crianças africanas pedem ajuda.

“MAIORES” OU “MAIS” INFORMAÇÕES?

Erro:

“Para maiores informações sobre a partida, curiosidades, entrevistas, análises críticas e acontecimentos posteriores ao jogo de hoje, procure assistir ao Programa ‘De Dentro do Vestiário’, logo mais”.

Forma correta:

“Para mais informações sobre a partida, curiosidades, entrevistas, análises críticas e acontecimentos posteriores, procure assistir ao Programa ‘De Dentro do Vestiário’, logo mais”.

Explicação: “maior” é comparativo, portanto não se aplica a esse caso.

**TREZENTOS MIL DÓLARES
“SÃO SUFICIENTES” OU “É SUFICIENTE” PARA
PAGAR A MULTA CONTRATUAL DO JOGADOR?**

Erro:

“Trezentos mil dólares são suficientes para pagar a multa contratual do jogador”.

Forma correta:

“Trezentos mil dólares é suficiente para pagar a multa contratual do jogador”.

Explicação: o verbo ser é invariável quando indicar quantidade, peso, medida ou preço.

**SENTI “MUITO DÓ” OU “MUITA DÓ”
DO FLAMENGO NA FINAL DA
COPA SUL-AMERICANA?**

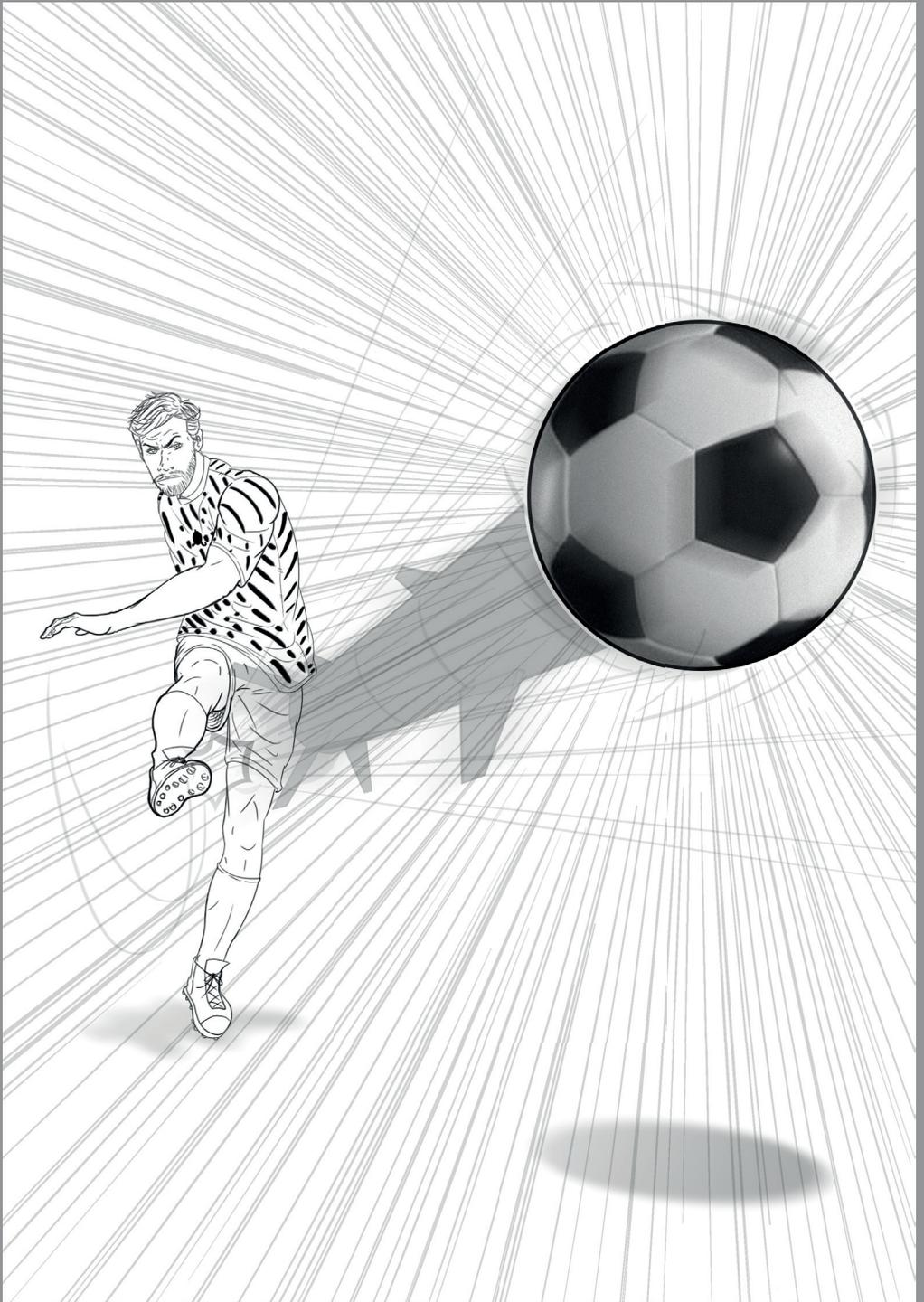
Não tenha dó de quem não sabe que a palavra dó é um substantivo masculino, poucos sabem disso:

“Tive muita dó do Flamengo”. (ERRO CRASSO)

*“Tive **muito dó** do Flamengo”.* (Correto)

“O TIME VENCEU “À CUSTA” OU “ÀS CUSTAS” DO ESFORÇO E DA DEDICAÇÃO DE SEUS JOGADORES?”

A forma correta é “à custa de” sempre no singular (e não “às custas de”). O uso da expressão à custa de é indicado todas as vezes que se quiser indicar a ocorrência de uma determinada situação que ocorre por meio de alguma coisa ou situação, podendo, também, indicar dinheiro ou gastos financeiros realizados: *“O time venceu à custa do esforço e da dedicação de seus jogadores”*; *“A possibilidade da contratação do novo jogador se deu à custa das negociações com o exterior de quatro ex-atletas da base.”*



O ZAGUEIRO MANDOU UM “MÍSSIL” OU “MÍSSEL” PARA O GOL ADVERSÁRIO?

Nada mais admirável do que um jogador que chuta forte e com precisão, e na linguagem futebolística esse chute forte é, muitas vezes, exacerbado pelos locutores, radialistas, críticos e analistas, que se utilizam de várias palavras “bélicas” para enaltecer a qualidade do lance: **torpedo, balaço, míssil, canhão, bazuca, bomba, foguete, tirombaço** (tirambaço também é registrado pelo VOLP), etc.

Não é raro observar a grafia errada de míssil com “e”. A grafia correta é míssil. Esta palavra tem duas classes gramaticais, pode ser um adjetivo de dois gêneros (raramente assim utilizado), significando o que é próprio para ou que pode ser arremessado ou um substantivo masculino, designando um projétil de propulsão própria e dirigível durante todo o trajeto ou parte dele. O plural de míssil é mísseis!

Míssil é uma palavra anterior ao artefato bélico de tecnologia avançada que denomina. Nasceu do latim *missilis*, um adjetivo que significava “que é de atirar”, segundo o dicionário Saraiva. Ou seja: que é feito para ser arremessado. Uma pedra que se jogasse em alguém era chamada de *missilis lapis*. O Houaiss registra como vivo esse papel adjetivo da palavra míssil, mas ressalva que é “pouco usado”.

Acréscimos: pronúncia de Houaiss [Fonética e Fonologia]

Segundo Helena Figueira:

Houaiss é um sobrenome que se divulgou no Brasil e em Portugal devido a Antônio Houaiss, eminente intelectual brasileiro, conhecido, sobretudo, como filólogo e como o lexicógrafo que liderou até 1999, data da sua morte, a concepção do Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, publicado em 2000. Este apelido, que se tornou também uma marca de produtos lexicográficos (ex.: Minidicionário Houaiss, Dicionário Houaiss de Verbos, Dicionário Houaiss de Física), tem origem árabe, pois Antônio Houaiss era filho de imigrantes libaneses.

A pronúncia de nomes próprios estrangeiros é normalmente problemática em qualquer língua e o português não é exceção. A pronúncia mais corrente desta palavra, nomeadamente no meio em que viveu Antônio Houaiss, é [ˈwajs] ou [ˈuajs] (nestas transcrições fonéticas, o símbolo [w] corresponde ao som da letra u em quase, o símbolo [u] corresponde ao som da letra u em nua, os símbolos [aj] correspondem ao som do ditongo ai em caixa e o símbolo [s] corresponde ao som do dígrafo ss em massa). As palavras árabes necessitam de transliteração para as línguas que utilizam o alfabeto latino e, neste caso específico, a ortografia do sobrenome Houaiss reflete provavelmente a influência da língua francesa na translite-

ração do árabe, pois para um som [u] pode corresponder em francês a grafia ou, como em “fou” ou “coucher”, o que não acontece em português, onde esta grafia corresponde ao som [o], como em outro ou doutor.

Portanto, a pronúncia correta seria “UAISS” e não “ROAISS”.

“O RÁDIO” OU “A RÁDIO”?

Rádio é palavra masculina quando designa o aparelho: “*Comprei um bom rádio para ouvir os jogos do Vascão*”.

No entanto, é palavra feminina quando designa a estação emissora. Nesse caso, deve ser escrita com inicial maiúscula: “*Estou ouvindo a Rádio Gigante da Colina*”.

Acréscimos: radiorepórter não possui hífen, pois o elemento prefixal rádio nunca é grafado com o sinal hifenizador: radioreceptor, radioperador, radiorepórter, radiotécnico, radiolocutor, radioreportagem, radioamador, radiofoto e radiofrequência.

Outras palavras compostas que confundem muita gente: rádio-relógio, radioterapia, radioacidentado, radioatividade / radiatividade, radioativo.

O PREÇO DO JOGADOR ESTÁ “ALTO” OU “CARO”?

Por mais estranho e cruelmente capitalista que possa parecer, no mercado da bola, o atleta, jogador de fute-

bol, é uma “mercadoria” e, nessa condição, não são raros os que cometem erros graves ao se referirem ao preço desses profissionais. O preço do jogador só pode ser alto ou baixo, sendo equivocada a utilização do adjetivo caro nessa situação, ou seja, preço caro. Agora dizer que o jogador é caro não há problema.

Leiam a maravilhosa explicação de Thaís Nicoleti sobre mais esse grave erro:

“Preço alto ou baixo

‘Apesar de comprar petróleo da Venezuela e, com isso, conseguir um preço interno 30% mais barato para a gasolina (...)’

‘Os preços dos novos contratos estão 39% mais baratos que os indicados pela Fipe.’

Nem caro nem barato. Preço só pode ser alto ou baixo. Consideramos ‘caro’ aquilo que tem preço alto e ‘barato’ aquilo que tem preço baixo. Por esse motivo, são inadequadas, embora relativamente comuns, construções como ‘preço caro’ ou ‘preço barato’.

O preço de uma mercadoria pode, portanto, ser alto ou baixo. A mercadoria em si é que pode ser cara ou barata. Assim: ‘Usava roupas caras, mas seus sapatos eram baratos’. O mesmo vale para a palavra ‘custo’ quando sinônimo de ‘preço’. Assim: ‘Suas atitudes impen­sadas tiveram um custo alto’.

Com os verbos, entretanto, empregam-se os advérbios ‘caro’ e ‘barato’. Assim: ‘Custaram-lhe caro suas atitudes impensadas’, ‘Cobraram caro pelo serviço’. Observe que os advérbios (‘caro’ e ‘barato’) são invariáveis.

Abaixo, as frases corrigidas:

Apesar de comprar petróleo da Venezuela e, com isso, conseguir um preço interno 30% mais baixo para a gasolina...

Os preços dos novos contratos estão 39% mais baixos que os indicados pela Fipe.”

“PSEUDO-ATACANTE” OU “PSEUDOATACANTE”?

PSEUDO- Na formação de palavras, exige hífen antes de palavra iniciada por “h” ou “o”: pseudo-herói, pseudo-occipital. Se o segundo elemento começa por “r” ou “s”, duplicam-se essas letras: pseudorrevelação, pseudossigla. Nos outros casos, não se usa o hífen: pseudoesférico, pseudocientista, pseudofobia, **pseudoatacante**, pseudozagueiro, pseudogoleiro.

Acréscimos: *pseudo* é sempre invariável, não se flexiona no número nem no gênero. Portanto, não existem as formas “pseudos”, “pseuda” ou “pseudas”.

“A SUBSTITUIÇÃO DO JOGADOR FOI “O COMPONENTE” OU “A COMPONENTE” QUE FEZ A DIFERENÇA?”

Componente (do latim *componente*) pode ser o componente ou a componente e significa - como adjetivo – “que entra na composição de alguma coisa” ou é - como substantivo – “parte elementar de um sistema”. Cf. Dicionário Aurélio, pág. 441.

Portanto, componente é substantivo comum de dois gêneros, como são aqueles que têm o gênero diferenciado pelo artigo e pelo pronome. O substantivo comum de dois apresenta a mesma forma para ambos os gêneros, estando as duas formas questionadas perfeitamente aceitas em nosso idioma.

A TEMPERATURA NO ESTÁDIO CHEGOU A “ZERO GRAUS” OU “ZERO GRAU”?

“*A temperatura chegou a 0 ‘graus’*”. (ERRO CRASSO)

Zero indica singular sempre: *zero grau, zero-quilômetro, zero hora*.

Nota: convidamos o leitor a rever o tópico deste livro no que se refere ao plural de “gol”.

O DIRIGENTE DESEJOU “FELIZ FÉRIAS” OU “FELIZES FÉRIAS” AOS ATLETAS DO CLUBE?

A forma “felizes férias” seria a mais correta em função da concordância com o substantivo férias. Não se

dirá “boa férias”, mas “boas férias”. Aliás, fica bem melhor dizer “boas férias” do que “felizes férias”. Em todo caso, nada impede de usar essa expressão.

É importante ressaltar que o vocábulo “férias” existe também na forma singular, mas com significado diverso em relação ao normalmente utilizado no plural, que corresponde a dias sucessivos de folga ou descanso. Na forma singular é aplicado somente à apuração diária de vendas ou ganho diário por trabalho realizado. Também nesse caso pode ser utilizado o plural, significando movimento de vários dias consecutivos de vendas.

Fonte: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC2Q7EiU5bgV8A7l7z6Qt.;_ylu=X3oDM-TBybGY3bmpvBGNvbG8DYmYxBHBvcwMyBHZ0aW-QDBHNIYwNzcg--?qid=20071124085524AAa7xn2, acessado em 11 junho de 2018.

“BASTANTE” OU “BASTANTES”?

*“Bastantes torcedores machucaram-se com a queda do alambrado e isso foi o **bastante** para que o árbitro interrompesse a partida, o que pode ser **bastante** incômodo para os atletas.”*

Bastante pode ser um advérbio de intensidade, aliás, esse é o seu uso mais comum, mais habitual.

Quando queremos intensificar uma ideia, logo empregamos “bastante” como sinônimo de “muito”. Quando atuar como advérbio, a palavra “bastante” não sofrerá variação, isto é, não será flexionada no plural e virá ligada a um verbo, advérbio ou adjetivo. Observe os

exemplos: “Os jogadores **descansaram bastante** na véspera da partida!”; “Os atletas são **bastante queridos!**”; “O treinador **estudou bastante** o time adversário”.

“Bastante” também pode ser um adjetivo e, ao contrário de quando atua como advérbio, a palavra “bastante”, quando adjetivo, é variável, isto é, pode sofrer flexão de número, e o termo subsequente na oração deverá concordar com essa variação. Quando houver dúvida sobre empregá-la ou não no plural, faça a substituição pela palavra “suficiente”. Observe:

“Já há **bastantes** problemas na escalação do time!”

(“Já há **problemas suficientes** para a escalação do time!”)

“Já há **bastantes isotônicos** na prateleira”.

(“Já há **isotônicos suficientes** na prateleira”).

“Bastante” pode ser, ainda, um pronome indefinido: Quando a palavra “bastante” assumir a função de pronome indefinido, ela expressará qualidades ou quantidades indefinidas e surgirá na frase antes de um substantivo com o qual concordará em número, ou seja, é variável.

Exemplos:

“**Bastantes torcedores** foram à sede do clube protestar contra a derrota do time”. (Muitas pessoas, não é possível precisar quantas).

“Vimos **bastantes foguetes e sinalizadores** nas arquibancadas”. (Vários foguetes e sinalizadores, não é possível quantificá-los).

Como você mesmo viu a partir dos exemplos utilizados, o que definirá se a palavra “bastante” será utiliza-

da no plural ou não é a função que ela desempenhará na frase. Ela somente não sofrerá variação de número quando assumir o papel de advérbio de intensidade, mas quando atuar como adjetivo ou pronome indefinido essa variação poderá ocorrer. Tente não cometer mais erros ao utilizar “bastante”!

“ESTADIA” OU “ESTADA”?

“Estadia” é para navio.

Para pessoa, deve-se dizer “estada”.

Embora o uso já tenha imposto “estadia” como sinônimo de “estada”, existe diferença entre os dois vocábulos.

“Estadia” é o tempo de permanência de um navio no porto; ou melhor, é o prazo que se concede para a carga e a descarga da embarcação ancorada.

“Estada” é a permanência de uma pessoa num determinado lugar.

Exemplos:

“Durante a estada em São Paulo, o time cearense realizou dois treinamentos com bola”; “Vários acidentes ocorreram no porto. Dizem que a estadia daquele navio só trouxe desgraça”.

NEGOCIA-SE “COM O CLUBE” OU “PARA O CLUBE” NO EXTERIOR”?

“Corinthians oficializa saída de Alexandre Pato para o Villarreal.

*O Corinthians oficializou nesta terça-feira a **negociação** de Alexandre Pato para o Villarreal. Por meio de um curto comunicado, o clube informou que o jogador foi cedido em definitivo para o clube espanhol, que já havia encaminhado um acordo com a diretoria corinthiana na última segunda. O clube...*

Veja que há um erro crasso renitente nessa notícia veiculada pelo Jornal “Estadão”, no dia 26 de Julho de 2016, por volta das 13h.

Negocia-se “com”, e não “para”:

“O jogador foi negociado com o exterior”; “O Corinthians oficializou, nesta terça-feira, a negociação de Alexandre Pato com o Villarreal”; “Negociou a transferência do quarto-zagueiro com o rival”; “Não negocia com dirigentes pouco confiáveis”.

“A PRINCÍPIO” OU “EM PRINCÍPIO”?

“A PRINCÍPIO” significa “inicialmente”, dando-se a ideia do que será feito em primeiro lugar, ao passo que a expressão “EM PRINCÍPIO” possui o significado de “em tese”, “de maneira geral, sem entrar em particularidades”.

Exemplos:

*“Ao iniciar a sua participação no programa de tevê, o técnico de futebol assim se manifestou, ‘**A princípio**, gostaria de desejar uma boa noite aos telespectadores e aos presentes à mesa redonda”.*

*“Indagado se a Seleção Brasileira havia ficado num grupo mais fraco para a primeira fase da Copa do Mundo, o treinador falou que **em princípio**, todos os times são bastante competitivos e estão num mesmo nível de excelência, por isso não acredita em favoritismo do Brasil”.*

“AO MEU VER” OU “A MEU VER”?

“Ver” nessa situação é um substantivo, pois significa “juízo”, “opinião”, “ponto de vista”, “pensamento”. Então, não se deve usar o artigo “o” nessas expressões: a meu ver, a meu sentir, a seu ver, a nosso ver.

Então, privilegia-se o uso da expressão a meu ver numa linguagem formal, por ser mais clássica e gramaticalmente aceita. Contudo, na Língua Portuguesa é facultativo a utilização de artigos antes de pronomes possessivos, assim, essa regra, também, se pode aplicar a esta expressão.

Exemplos:

*“Isso não terá nenhuma solução, **ao meu ver**”.*

*“**A meu ver**, o treinador mexeu errado, substituiu um jogador que vinha sendo crucial para o sucesso do modelo tático desenhado e colocou outro que estava parado há quatro meses”; “O Brasil tem condições de se sagrar hexacampeão mundial **a nosso ver**”.*

Acréscimos: não se usa artigo na expressão “estar a par” (estar ciente, ter conhecimento), apenas quando se

refere à equivalência entre valores financeiros: O real já esteve ao par do dólar. E nem na locução “a par e passo” (*pari passu*), que significa “no mesmo passo ou ritmo”, “ao mesmo tempo”, “simultaneamente”, o artigo “o” é aceitável. Exemplos: “O treinador está a par de que cinco jogadores cumprem suspensão automática por terem recebido o segundo cartão amarelo”. “Caminhando a par e passo com as orientações do treinador, os jogadores entenderam e assimilaram o esquema tático importante na conquista merecida”.

“A NÍVEL DE” OU “EM NÍVEL DE”?

“A nível de” é severamente admoestado pelos estudiosos da Língua Portuguesa.

O grande erro quanto o uso da expressão “a nível de” é sua utilização em situações em que **não** há “níveis”.

Exemplo:

“A nível de relatório, escrevemos o essencial”.

O uso de “a nível de” está correto quando a preposição “a” está aliada ao artigo “o” e significa “à mesma altura” (exemplo: ao nível do mar), mas muitos estudiosos da língua acham que sua utilização *indistinta* não passa de um *modismo* que devemos evitar.

Exemplos:

*“Não posso dizer que um atleta das categorias de base de um time brasileiro está **ao nível de** jovens atletas de times*

*européus, no que diz respeito à técnica e à compleição física; “Hoje, jogaremos **ao nível do mar**”.*

*“Ele é jogador **ao nível dos** que integram a Seleção Brasileira”. (Melhor dizer, “Ele é tão bom jogador quanto os que estão servindo a Seleção Brasileira”).*

Da mesma forma, a expressão “em nível de” está empregada corretamente quando equivale a “de âmbito” ou “com status de”. Assim, é aceitável usar a expressão “em nível de” quando houver “níveis”.

Exemplos:

*“Esse problema só pode ser resolvido ‘em nível de’ diretoria”; “A votação dos melhores do campeonato será realizada **em nível nacional**”; “A escolha do jogador foi feita **em nível de direção**”; “Hoje ele é jogador **em nível de** candidato à disputa de uma vaga na Seleção Brasileira”. (Melhor dizer, “Ele é candidato a uma vaga na Seleção Brasileira”).*



JOGADOR “INVENDÁVEL” OU “INVENDÍVEL”?

Uma das belezas do futebol, sem dúvida alguma, é a riqueza de caricaturas, o humor do brasileiro, a irreverência e as celebridades que fazem parte do meio. Vicente Matheus, empresário espanhol e presidente do Corinthians, em 11/02/1997, sobre a possível negociação do craque do Timão com outro clube, em declaração publicada no jornal, três dias após a morte do cartola, teria dito: “*O Sócrates é inegociável, invendável e imprestável.*”

O fato é que as duas palavras coexistem nos dicionários da língua portuguesa, mas têm significados bem distintos. **Invendável** é aquilo que não se vende com facilidade, que não tem boa aceitação no mercado. No caso de um jogador que não tem preço, melhor dizer **invendível**, que não se pode vender; que não é suscetível de ser vendido, que não está à venda.

Já a palavra “imprestável” usada na folclórica “declaração” do cartola, ela significa inútil, sem serventia e deve ser corrigida por inessível (derivada do verbo **ceder**), pois na **língua portuguesa formal** não há nenhum adjetivo derivado do verbo **emprestar** para o caso de que se cuida, os dicionários formais e o nosso próprio VOLP não registram a palavra “emprestável”.

No entanto, acaso façamos um estudo mais profundo da palavra informal “emprestável”, os dicionários de Portugal a registram com tranquilidade, ao contrário do nosso VOLP, repita-se, tendo em conta que em Portugal emprestar é sinônimo de dispensar, cujo radical está na base de dispensável. Lá, estamos autorizados a empregar indispensável como antônimo de empres-

tável³. Alternativamente, usa-se “não emprestável” ou não-emprestável, também sem registros no VOLP.

“COPA SULAMERICANA” OU “COPA SUL-AMERICANA”?

A grafia dos adjetivos pátrios é sempre um tormento para a utilização ou não do hífen. No entanto, como regra geral, quando duas palavras são unidas, não para formar outra, mas para formar encadeamentos vocabulares, deve-se usar o hífen. Um exemplo seria “Ponte Rio-Niterói”. Esse parece ser o caso de Sul-Americano, Afro-Brasileiro, etc., que devem continuar hifenizados.

Observe-se que segundo a Nova Gramática do Português Contemporâneo (Figueirinhas, 2002), de Celso Cunha e Lindley Cintra, a regra geral de formação do plural dos adjetivos compostos (como jogadores sul-americanos ou atletas norte-americanos ou delegações norte-africanas ou, ainda, assistiremos a dois duelos nórdico-africanos na próxima Copa do Mundo da Fifa) preceitua que “apenas o último elemento receba a forma do plural” (pág. 253). Exceções de nota incluem surdo-mudo, a que corresponde o plural surdos-mudos, e adjetivos referentes a cores cujo segundo elemento é um

³ Como antônimo de emprestável, sugere-se também inescusável, “na acepção de ‘não se pode dispensar’, como vem dicionarizado no Porto Editora, 6. ed., 1998”. No Dicionário Houaiss o verbo relacionado com escusável, escusar, pode ser realmente sinônimo de dispensar, mas a acepção comum que permite tal relação não é a mais saliente no conjunto dos significados de escusar. Dessa forma, pode se considerar que indispensável seria melhor utilizado como antônimo de emprestável, isto em Portugal, é claro.

substantivo, que são invariáveis, como mostra o exemplo “blusas vermelho-sangue” (colhido da obra de Cunha e Cintra, pág. 253).

Portanto, Copa Sul-Americana é grafada com hífen e suas variantes também.

Acréscimos: o plural de *hífen* é *hífens* e, pouquíssimo visto no Brasil, a forma *hífenes*. As palavras paroxítonas terminadas em R – X – N – L são acentuadas, mas não as terminadas em ENS, daí porque *hífens* não leva acento gráfico.

“A ESTÓRIA” OU “A HISTÓRIA” DA VIDA DO ARTILHEIRO?

Com o flagrante desuso da palavra “estória”, sempre que eu queira me referir à ciência histórica ou narrativas de ficção, lendas, contos populares, fatos verídicos ou não, darei preferência ao verbete **história**. Portanto, o correto é “a história da vida do artilheiro”.

“FINTAR” OU “DRIBLAR”?

J. Milton Gonçalves no seu espetacular “Tira-Teimas da Língua Portuguesa”, precisamente na 5ª edição (revisita e ampliada), 2017, pela Gyphus Editora, brinda-nos com esse ensinamento:

“Ambas as formas são muito usadas no mundo futebolístico, mas não têm o mesmo significado. Na finta, des-

viar a atenção prevalece com a ginga de corpo do jogador; no drible, sobressai a habilidade do atleta com a bola nos pés.”

A SELEÇÃO DA ALEMANHA TEM MUITOS “HOMENS-GOL” OU “HOMENS-GOLES” NO SEU ATAQUE?

Como podemos observar estamos diante de um caso em que um substantivo (gol) faz papel de adjetivo: **goles-relâmpago, escolinhas-padrão, homens-gol, ataques-surpresa, chutes-bomba**. Para alguns, esse fenômeno da mudança da classe gramatical no sentido da palavra, de substantivo para adjetivo, torna-o invariável.

Ocorre que a ABL abraça as duas formas, os dois elementos podem ser flexionados ou apenas o primeiro: goles-relâmpagos ou goles-relâmpago; homens-goles ou homens-gol; ataques-surpresas ou ataques-surpresa; chutes-bombas ou chutes-bomba.

Portanto, ambas as formas estariam corretas, sendo denominador comum apenas a flexão do primeiro elemento do substantivo composto.

AS RECLAMAÇÕES ACINTOSAS FORAM “A GOTA D’ÁGUA” OU “AS GOTAS D’ÁGUA” PARA A EXPULSÃO DO JOGADOR?

A gota d’água (sem hífen) é a denominação que se dá a um motivo culminante e marcante de um dado acon-

tecimento. No questionamento acima não foi apenas uma reclamação acintosa que motivou a expulsão do jogador, mas várias reclamações acintosas, daí porque a expressão correta seria “as reclamações acintosas foram as gotas d’água para a expulsão do jogador”.

Se o motivo é apenas um, então usamos “gota d’água” no singular: O carrinho criminoso foi a gota d’água para o cartão vermelho.

Acréscimos: gota-d’água (com hífen) coexiste no nosso idioma, é a denominação de uma joia, um brilhante em forma de gota, muito usado em pingentes e brincos.



A TORCIDA “DEPREDOU” OU “DEPEDROU” O ESTÁDIO”?

Depredar e não “depedar” significa causar destruição, roubar, saquear, devastar. O vocábulo depredação tem origem em seu equivalente na língua latina, *depraedationis*, enquanto que a origem da palavra pedra nada tem a ver com isso. **Pedra** vem do latim *petra* e do grego *petra*, «rocha, rochedo». Segundo o **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** de José Pedro Machado (Livros Horizonte, Lisboa), o mais antigo registro escrito do vocábulo na língua portuguesa data de 1069: *subtus mons pedras rubias*.

Portanto, ainda que o ato de destruir se dê pela utilização de pedras, o verbo continua sendo **depredar**: “A torcida depredou o estádio” é a forma correta, sem dúvida alguma e sem medo de pedras.

O JOGADOR DEU UMA “CABEÇADA” OU “CABECEADA” NA TRAVE”?

O doutor em Letras, o professor gaúcho Cláudio Moreno, no seu elucidativo e indispensável “Guia Prático do Português Correto, v. 2”, pela L&PM POCKET, Rio Grande do Sul, 2014, na página 72 de seu livro, resolve o questionamento acima com muita propriedade:

“Em **cabeçada** (cabeça + ada), atua o sufixo **-ada**, que tem, neste caso, o sentido de “golpe dado com” – **pernada**, **patada**, **joelhada**: “Ele vinha dis-

traído e deu uma **joelhada/cabeçada** na porta”.

Em **cabeçada**, temos o particípio do verbo **cabecear**, que, no caso do futebol, significa “impulsionar com a cabeça”; é formado da mesma maneira que **passeada** (de **passear**), **bloqueada** (de **bloquear**), **freada** (de **frear**). Essa transformação do particípio/adjetivo em substantivo é um dos processos mais usados atualmente para formar abstratos deverbais (chamam-se assim os substantivos que provêm dos verbos): “Vou dar uma **olhada**”, “Dá uma **lida** nisso”, “Vou fazer a **chamada** dos candidatos”.

Ora, se o jogador **cabeceou** a bola, ele deu uma **cabeçada**...Se eu ouvir que ele “deu uma **cabeçada** na trave”, vou entender que ele aparou a bola com a cabeça e a enviou contra a trave; no entanto, se ele “deu uma **cabeçada** na trave”, houve o choque de algo duro com algo mais duro ainda.”

“A MAIORIA DOS JOGADORES QUE INTEGRA A SELEÇÃO BRASILEIRA RESIDE NO EXTERIOR” OU “A MAIORIA DOS JOGADORES QUE INTEGRAM A SELEÇÃO BRASILEIRA RESIDEM NO EXTERIOR”?

Aqui prevalecerá o bom senso e a forma verbal dependerá tão somente daquilo que você quiser enfatizar. No

primeiro caso, as opções por “integrá” e “reside” enfatizaram a noção de conjunto, de grupo, representada pela palavra “maioria”. É da norma geral que o verbo concorde com o núcleo do sujeito.

Mas se você optar pela segunda construção, estar-se-ia dando destaque para os formadores do grupo (“os jogadores”), haja vista que a concordância natural é feita com o verbo no singular. Portanto, as duas construções estão corretas e a ênfase pretendida é sua.

O ÁRBITRO NÃO TINHA “QUALQUER” OU “NENHUM” MOTIVO PARA EXPULSAR O JOGADOR?

Qualquer é um pronome indefinido que pode ser entendido como sinônimo do pronome indefinido nenhum, pois, como referem Maria Helena Mira Mateus e outros, na Gramática da Língua Portuguesa, p. 787:

“O português possui sintagmas negados cujo valor negativo advém apenas de estarem no domínio de escopo e sob o foco de um constituinte intrinsecamente negativo [...] (a) Eu não vi qualquer pessoa na rua”. Assim, o pronome qualquer, neste contexto, assume um valor negativo pelo fato de se encontrar sob a influência direta do marcador de negação não, já que “fora do domínio de escopo dos constituintes negativos, nomeadamente quando ocorre(m) em posição de sujeito pré-verbal ou

isoladamente, apenas admite(m) uma leitura positiva [...] (a) Qualquer pessoa, por mais maleável que seja, não aceita essas críticas”.

Contudo, a este propósito, não podemos deixar de registrar uma nota veiculada pelo Dicionário Houaiss:

“Embora de emprego hoje bastante comum no Brasil, a gramática da língua condena o uso de qualquer no lugar de nenhum, ou seja, com o sentido de exclusão, o que ocorre em frases como: embora ferida, não recebeu qualquer ajuda da polícia ou reviu o pai, mas sem qualquer emoção visível”.

Por outro lado, Cintra e Cunha, na Nova Gramática do Português Contemporâneo, pp. 358 e 364, quando se referem aos possíveis usos do pronome indefinido “qualquer”, nada dizem sobre a sua eventual utilização em contextos de valor negativo.

O pronome impessoal “nenhum” deriva do latim *nec unu*, significando nem um (Fontes: Dicionário Houaiss e Priberam). Aliás, “nem um” é exatamente um dos significados propostos pela generalidade dos dicionários de língua portuguesa de referência consultados para o referido vocábulo. O Dicionário Houaiss especifica ainda que nenhum é “usado para excluir qualquer dos indivíduos da espécie referida pelo substantivo ou pronome a que está ligado”.

O fato é que esta não é uma questão fechada. São duas aglutinações: qualquer vem de qual + quer (do verbo querer); e nenhum vem de nem + um. Segundo Napoleão Mendes de Almeida (Dicionário de Questões Vernáculas, 2ª ed. São Paulo, LCTE, 1994, pág. 451/3), não se deve utilizar a pala-

vra qualquer com o sentido de nenhum. Ele considera o termo qualquer como uma praga do português e a utilização nesse sentido como uma aberração.

Já o dicionário Michaelis, (São Paulo, Melhoramentos, 1998, pág. 1739), ao dar a definição de qualquer como “alguém; esta ou aquela pessoa; pessoa indeterminada”, apresenta como um dos exemplos a frase: “Não tinha medo de qualquer”.

O dicionário Aurélio (pág. 1424), cita entre os exemplos Almeida Garrett e Cecília Meireles, mas não discorda do que diz Napoleão Mendes de Almeida.

Você pode ou não concordar com Napoleão, ou seja, que esta é uma utilização não recomendável para a palavra qualquer. No entanto, é possível que o uso já tenha consagrado esta forma na nossa língua e **deste modo, estariam corretas as duas formulações questionadas.**

A AUTORIZAÇÃO PARA O ATLETA JOGAR CHEGOU POR E-MAIL OU EMAIL?

Há quem pergunte se a palavra pode ser grafada com o “e” em letra maiúscula, também, E-mail. Esta forma não tem registro, a não ser que venha iniciando uma frase. O VOLP, assim como o dicionário Aulete, brasileiros, registram somente ***e-mail*, substantivo masculino, anglicismo (palavra estrangeira) com letra minúscula e com a necessidade de aspas ou em itálico.** O dicionário de palavras estrangeiras da Academia Brasileira de Letras (seção Nossa Língua) registra apenas ***e-mail*, também com aspas ou em itálico e o “e” minúsculo.** Os dicionários Priberam e Infopédia, ambos portugueses, registram tanto ***e-mail*** quanto ***email***. Ape-

sar de eu preferir a grafia com hífen, ambas estão corretas por terem registros oficiais em dicionários renomados da língua portuguesa.

O JOGADOR PEDIU “DESCULPA” OU “DESCULPAS” AO TREINADOR”?

Ambas as formas estão corretas, mas a escolha dependerá do que se quiser dizer. Se o sujeito enunciador pretender pedir desculpa por um ato que praticou, deverá escrever ou dizer “*Peço desculpa*”; contudo, se tiver praticado mais de um ato desagradável, deverá expressar-se: “*Peço desculpas*”. A diferença está em decidir se ele quer utilizar o singular ou o plural, dependendo do contexto.

OS DOIS ATLETAS DA DIVISÃO DE BASE DA EQUIPE SÃO VERDADEIROS “MENINOS-PRODÍGIOS” OU “MENINOS-PRODÍGIO”?

Rememorando, geralmente, as sequências de dois substantivos que funcionam, globalmente, como um grupo nominal, muitas vezes funcionando na globalidade com um significado específico, são hifenizadas. A palavra tem registro em dicionário, inclusive no VOLP, que sugere seja escrita “menino-prodígio”, com hífen e que, também, registra os dois plurais: **meninos-prodígios** e **meninos-prodígio**. Portanto, as duas formas questionadas estão corretas.

Acréscimos: A locução “fora de série”, que não é registrada no VOLP, no exemplo: “Ele é um jogador fora de série”, ainda que usada como um adjetivo no caso, não tem plural, uma vez que se trata de um composto cujo núcleo é constituído por uma locução prepositiva (fora de), que, como tal, é invariável, como acontece com as locuções fora da lei ou fora de jogo, estas formas registradas pelo VOLP.

OS TREINOS DA SELEÇÃO BRASILEIRA OCORRERÃO “NA SEGUNDA E TERÇA-FEIRAS” OU “ÀS SEGUNDAS E TERÇAS-FEIRAS” OU “ÀS SEGUNDAS-FEIRAS E TERÇAS-FEIRAS”?

A **palavra feira**, por ser escrita com hífen, deve concordar com o termo imediatamente anterior, o que exclui como correto o primeiro questionamento, “...ocorrerão na segunda e terça-feiras”. As duas últimas estão corretas, mas a terceira tem uma repetição que talvez não agrade a todos e mereça ser evitada.

“OS ONZE ESTÃO ALINHADOS EM SEU RESPECTIVO LADO NO GRAMADO” OU “OS ONZES ESTÃO ALINHADOS EM SEUS RESPECTIVOS LADOS NO GRAMADO”?

Observação: uso, quando se tratar de mais de uma equipe.

Cegalla, na sua “Novíssima Gramática da Língua Portuguesa”, pela Companhia Editora Nacional, 48ª edição revista, São Paulo – 2010, precisamente na página 175 nos ensina com bastante propriedade o seguinte:

“Alguns numerais se flexionam, outros não.

*Os **cardinais**, com exceção de um (fem. uma), dois (fem. duas) e daqueles terminados em -entos e -ão (duzentas, trezentas, milhões, etc.), são invariáveis.

* Os **ordinais** variam em gênero e número: primeira volta, primeiros resultados, as segundas eleições, etc.

*No plural flexionam-se os numerais cardinais substantivados terminados por fonema vocálico: dois *cinquantas*, dois *setes*, três *oitos*, dois *cens*, quatro *uns*, etc. Permanecem invariáveis os que finalizam por fonema consonantal: Pedro tirou quatro seis e dois *dez*, nos testes mensais.”

Também o maravilhoso sítio “Ciberdúvidas da Língua Portuguesa”, em artigo intitulado «Os onzes» = «as equipas», cujo conteúdo é licenciado pela *Creative Commons*, tem uma resposta bastante interessante sobre o questionamento:

“Se tivermos em conta que onze se encontra registado pelos dicionários, assim como no [Portal da Língua Portuguesa](#) (da responsabilidade do ILTEC), como um nome/substantivo masculino — da gíria do futebol, para designar ‘equipa convocada para um jogo’ (Grande

Dicionário da Língua Portuguesa, da Porto Editora) —, este termo comporta-se como qualquer outro substantivo/ nome, o que lhe permite a flexão no plural⁴. Por isso, no contexto do futebol, e uma vez que designa uma equipa, sempre que há referência a mais do que uma equipa, a forma correta é precisamente: ‘Os onze são constituídos’ (= ‘As equipas são constituídas’).

À primeira vista, pode parecer estranha a flexão de onze, vulgarmente conhecido como um numeral cardinal (classificação da gramática tradicional⁵), o que o torna invariável⁶ (tal como a grande maioria dos numerais cardinais). Por isso, importa lembrar que os numerais cardinais (ou quantificadores numerais) são usados para ‘designar uma quantidade certa de pessoas ou coisas, caso em que acompanham um substantivo à semelhança dos adjetivos’, recaindo a flexão no substantivo a que se referem.

⁴ O [Portal da Língua Portuguesa](#) regista o seguinte: ‘onze – nome masculino; singular: onze; plural: onze.’

⁵ Segundo a atual terminologia, os numerais cardinais são quantificadores numerais ([Dicionário Terminológico](#)).

⁶ É de referir que só os numerais cardinais ‘milhão, bilião (ou bilhão), trilhão, etc. é que se comportam como substantivos/nomes e variam em número’ (Cunha e Cintra, **Nova Gramática do Português Contemporâneo**, 17. ed., Lisboa, Sá da Costa, 2002, p. 368), sendo ‘os outros cardinais invariáveis’ (idem).

Exemplo: ‘Os onze alunos fizeram todas as atividades.’

O mesmo se passa nas frases em que se omite o substantivo (casos de elipse do nome/substantivo), estando implícito o valor do numeral, como na frase seguinte: ‘Os onze [alunos] fizeram o trabalho.’

Trata-se, portanto, de casos diferentes do emprego de onze. Enquanto substantivo/nome (= ‘equipa de futebol’), onze é flexionado em número; como numeral cardinal (quantificador numeral) não é flexionado, mantém-se invariável.”

Pela explicação acima, se o numeral cardinal se referir a mais de um time de futebol, a forma correta seria **“Os onze estão alinhados em seus respectivos lados no gramado”**. Acaso se refira a apenas uma equipe, apenas a primeira construção estaria correta. Portanto, dependendo do sentido que se queira dar, ambas as construções são perfeitamente aceitáveis.

O ÁRBITRO DECIDIU PELA “CONTINUIDADE” OU “CONTINUAÇÃO” DA PARTIDA?

Continuação aqui é sinônimo de prosseguimento; ação de continuar, de dar seguimento ao que já havia sido iniciado. **Continuidade** é condição ou estado do que é contínuo, sem interrupções.

Exemplo:

“A continuidade do barulho da torcida”.

O correto será dizer que o árbitro decidiu pela **continuação** da partida. Quer dizer, a partida vai continuar. A utilização de continuidade, aqui, seria equivocada, pois, no questionamento, estamos falando em dar prosseguimento ao jogo.

O mesmo raciocínio se aplica às expressões **dar continuação** (sinônimo de **dar prosseguimento**) e **dar continuidade** (de **persistir na mesma ideia ou modelo**): “O árbitro **deu continuação** à partida depois que os conflitos entre os torcedores foram resolvidos pelos policiais”; “Precisamos **dar continuação** àquela partida de xadrez, assim que retornarmos de viagem”; “A atual gestão da CBF simplesmente **deu continuidade** à administração anterior”; “A direção do clube recém-empossada **dará continuidade** aos programas desenvolvidos pela antiga diretoria”; “A torcida espera que o novo treinador **dê continuidade** ao vitorioso trabalho do técnico falecido”.

É NECESSÁRIO QUE O TÉCNICO E O GOLEIRO “REMEDIEM” OU “REMEDEIEM” OS ESTRAGOS DAQUELA ÁSPERA DISCUSSÃO NA FRENTE DE TODOS?

As professoras de língua portuguesa Edna M. Barian Perrotti e Marilena E. de Lauro Montanari, no seu *“Para Manter seu Português em Ordem”*, da série “Superdicas” da Editora Saraiva, 1.^a ed., 2011, precisamente na página 90 elucidam a dúvida e nos dão uma dica valiosa:

“São poucos os verbos terminados em **-iar** que não seguem o modelo de sua conjugação, ou seja, que não se flexionam como *copiar*: **Mediar**, **Ansiar**, **Remediar**, **Incendiar** e **Odiar**. Aí é que entra o MARIO (o nome *Mário* deve ter acento, mas, para sermos mais didáticos, nesta dica vamos ignorá-lo). Essa palavra representa as iniciais dos verbos acima, que são exceção à regra.

Para não se perder, tome como modelo o verbo *odiar*. Ninguém vai dizer: “eu *odio*”, mas “eu *odeio*”. Daí fica fácil: *medeio*, *anseio*, *remedeio*, *incendeio*.”

Portanto, a segunda opção é a correta.

“PODE-SE ADQUIRIR OU PODEM-SE ADQUIRIR OS INGRESSOS NA SEDE DO CLUBE”?

O verbo “poder”, nesse tipo de frase, segundo o “*Michaelis Português Fácil Tira-Dúvidas de Redação*”, de Douglas Tufano, professor e autor de livros didáticos de Língua Portuguesa, Melhoramentos, 2010, na página 83, pode ser usado tanto no singular como no plural. O autor, também, assenta que a mesma regra vale para o verbo “dever”, como nestes exemplos pertinentes: “*Deve-se vender os jogadores que não foram relacionados para a competição*”. Também, para o autor e muitos outros é aceitável usar o plural em casos como estes: “*Podem-se vender os jogadores que não foram relacionados para a competição*” / “*Devem-se vender os jogadores que não foram relacionados para a competição*.”

Portanto, ambas as formas estão corretíssimas!

O GOLEIRO DO BOTAFOGO “PUXOU AO PAI” OU “PUXOU O PAI”?

Se eu quero dizer que o goleiro é tão talentoso quanto o pai dele, tem um estilo parecido ou as mesmas características, certamente que, nesse tipo de frase, eu deverei usar a preposição “a”: “*O goleiro do Botafogo puxou ao pai*” (e não “puxou o pai”). Se, por outro lado, eu estiver querendo dizer que o goleiro moveu o pai para perto de si ou o deslocou através de um puxão ou, ainda, procurou retirá-lo de uma situação ou de um local, aí, certamente, “*Ele puxou o pai*”.

O mesmo vale para “sair a”. *O centroavante saiu ao avô: tem um chute certeiro de esquerda e um excelente senso de colocação na grande área adversária*”.

Portanto, dependendo do sentido que se quer impor à frase, as duas opções podem surgir transitividade direta e indireta (bitransitividade), em contextos completamente diferentes.

“CENTROAVANTE” OU “CENTRO-AVANTE”?

Dentre as posições dos atletas num jogo de futebol, sem dúvida a figura de maior destaque é a do centroavante, que se escreve sem o hífen, como, também, é a expressão do jogador reserva. Outras posições no futebol se escrevem assim, de acordo com o VOLP: *goleiro (goleiro titular, goleiro reserva), zagueiro (zagueiro central, central, **quarto-zagueiro, quartos-zagueiros**), lateral direito, lateral esquerdo, líbero, volante, ala direito, ala esquerdo, **meia-armador**, meia de ligação (sem hífen),*

apoiador, médio ou **médio-centro**, **meio-campista** (**meios-campistas**, meio de campo – sem hífen) lateral, direito ou esquerdo; **meia-atacante** (**meias-atacantes**), meia ofensivo ou médio ofensivo, ponta, segundo atacante e centroavante ou **avançado-centro**.

GOSTARIA DE VER O TIME JOGANDO PELAS PONTAS, ONDE TEM “MENAS GENTE” OU “MENOS GENTE”?

A primeira frase, que está completamente errada, haja vista que “menos” não tem variação no feminino, foi dita por um ex-técnico da Seleção Brasileira, numa entrevista.

“Menos” é um advérbio de intensidade, assim como “demais”, “meio”, “muito”, “pouco”, “bastante”, “quão”, dentre outros. Os advérbios são invariáveis, ou seja, não mudam de gênero (masculino ou feminino) nem de número (singular ou plural). Dessa forma, eles nunca se alteram, independente da frase, e sempre serão usados da forma “como vieram ao mundo”. O técnico deveria ter dito que o time deve jogar pelas pontas, onde há “menos” gente.

Acréscimos: alguns desses advérbios – “meio”, “muito”, “pouco”- são, em determinadas sentenças, adjetivos ou pronomes indefinidos, que são classes gramaticais variáveis!

Exemplos:

“A bandeirinha está meio (advérbio) cansada”.

“O jogador pediu meia (adjetivo=metade) porção de batata frita”.

“O treinador foi muito (advérbio) educado durante a entrevista”.

“Muitas (pronome indefinido=várias) pessoas discordam do atual técnico da Seleção Argentina”.

DURANTE A PARTIDA, QUASE “INFARTAMOS” OU “ENFARTAMOS” COM A SELEÇÃO?

Quando na dúvida sobre a grafia de uma palavra no nosso idioma, jamais deixem de consultar o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), da Academia Brasileira de Letras. O VOLP é a voz oficial da língua portuguesa. E, também, quando houver polêmica, sempre recorram a ele. No entanto, para procurar sinônimos, uso dicionários.

O VOLP traz quatro possibilidades para a palavra: **infarto**, **infarte**, **enfarto** ou **enfarte**. No entanto, as mais habituais são **infarto** e **enfarte**. Há estudos que indicam o uso da palavra enfarte como derivado da ideia de estar farto, empanturrado, “cheio”; e infarto para se referir especialmente ao coração.

Exemplos:

“Estou com enfarte depois dessa feijoada”; “Ele sofreu um infarto do miocárdio”.

Apesar desses estudos, segundo a Academia Brasileira de Letras, podemos usar até quatro formas diferen-

tes, o que nos permite dizer que quase enfartamos ou infartamos com a Seleção!

O CLUBE ESPANHOL FOI MULTADO PORQUE ESCALOU UM JOGADOR “DE MENOR” OU “MENOR”?

Seguindo a norma culta, quando nos referimos à maioria de uma pessoa, dizemos: “*Ele é maior de idade. / Ele é menor de idade.*” “*Ele é maior. / Ele é menor.*”

Não há explicação e nem razão para dizer “ele é de menor”, pois não se diz “ele é de menor de idade”. O mesmo vale para “maior”.

Portanto, a forma correta seria: “O clube espanhol foi multado porque escalou um jogador menor”.

“REAL MADRI” OU “REAL MADRID”?

A classe de nomes próprios (substantivos) de lugares ou acidentes geográficos denominamos “topônimos”. A capital da Espanha, na língua espanhola, é Madrid, e ao aportuguesarmos o nome o “d” desaparece, **Madri**: Alguns dos melhores times de futebol do mundo são espanhóis, como o **Real Madri** e o **Atlético de Madri**.

Não podemos deixar de assentar que não são todos os topônimos que têm suas formas aportuguesadas. Por exemplo, diz-se Milão em vez de Milano, mas usa-se Buenos Aires em lugar de Bons Ares, que seria a versão portuguesa correspondente. Um critério para usar o aportuguesamento de topônimos estrangeiros,

segundo o “Ciberdúvidas da Língua Portuguesa”, acha-se, por exemplo, na Base LI do Acordo Ortográfico de 1945. No Brasil, o Acordo Ortográfico de 1945 foi aprovado pelo Decreto-Lei n.º 8.286, de 5 de dezembro de 1945. Entretanto, o texto nunca foi ratificado pelo Congresso Nacional, continuando os brasileiros a regular-se pela ortografia do Formulário Ortográfico de 1943. É este documento que regula a grafia do português no Brasil, sendo incorporado e modificado pelo **Acordo Ortográfico de 1990**.

Especificamente no Formulário Ortográfico de 1943, na Base XI, que trata de nomes próprios⁷, lá estão as regras do formulário para eles e os aportuguesamentos, onde se ressalva o direito de manter a grafia original dos nomes próprios de empresas e traz, como exceção, os topônimos de tradição histórica, tais como “Bahia”.

⁷ NOMES PRÓPRIOS: Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos nestas Instruções. (Destacamos do original)

Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo “Bahia”, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

Observação. - Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

Portanto, conforme as regras do Formulário Ortográfico de 1943, devemos aportuguesar a capital espanhola e a grafarmos **Madri, daí os corretos nomes dos times para o nosso idioma serão: Real Madri e Atlético de Madri.** Na mesma esteira, ainda pela norma brasileira: *Amsterdã, Bagdá, Groenlândia, Havaí, Iugoslávia, Madagascar, Oriente Médio, Moscou, Vietnã.*

Em Portugal, porque está escrito desde o Acordo Ortográfico de 1945, recomenda-se que os topônimos de línguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernáculas, quando estas sejam antigas em português, ou quando entrem, ou possam entrar, no uso corrente. Exemplos: Anvers, substituído por Antuérpia; Berne, por Berna; Canterbury, por Cantuária; Cherbouurg, por Cherburgo; Garonne, por Garona; Helsinki, por Helsínquia; Jutland, por Jutlândia; Louvain, por Lovaina; Mainz, por Mogúncia; Montpellier, por Mompilher; München, por Munique; Zürich, por Zurique; etc.

Acréscimos: a mesma explicação aqui registrada, no sentido de se manter as grafias dos nomes próprios de tradição histórica sem o “aportuguesamento” e consequentemente, sem alteração do original, ocorre com uma das mais antigas equipes de futebol no Brasil, o Sport Clube Corinthians Paulista, cujo nome foi inspirado na equipe inglesa Corinthian-Casuals Football Club, que fazia excursão pelo Brasil no ano de 1910. Mas não se iludam, na palavra CORINTIANO, que descreve o torcedor do clube, não há TH como em CORINTHIANS. É a mesma coisa com BAHIA e BAIANO.

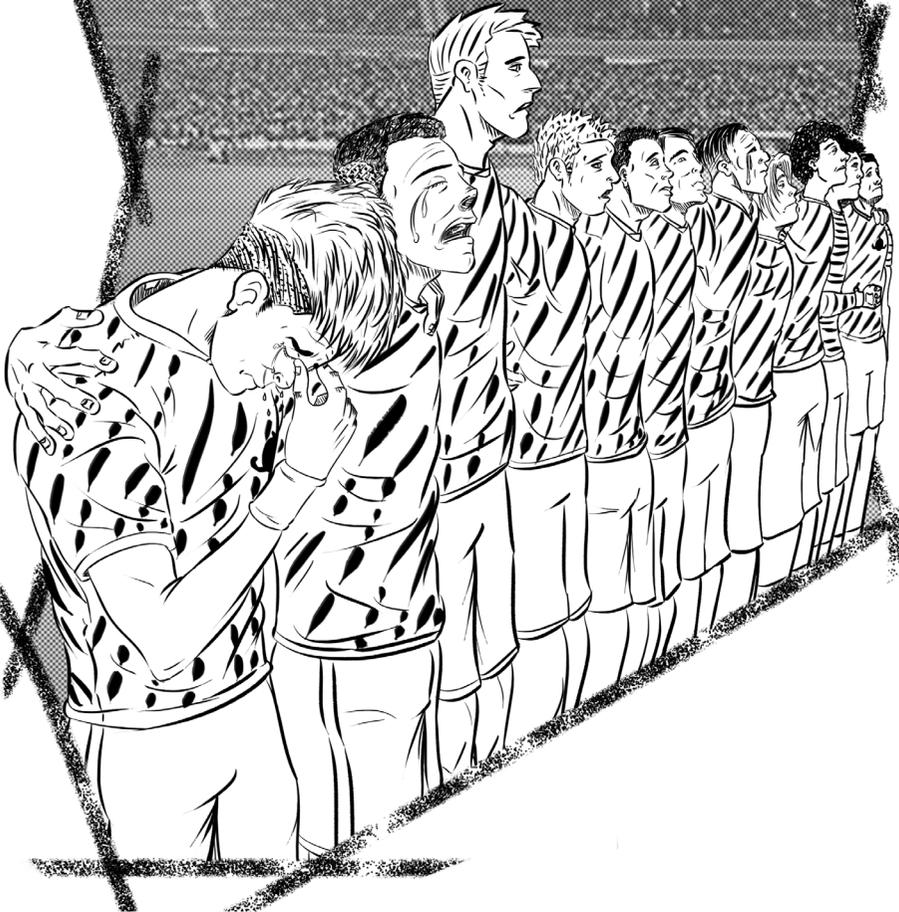
O BRASIL CLASSIFICOU-SE EM SEGUNDO LUGAR NO SEU GRUPO, MAS PASSOU À FASE SEGUINTE. “MENOS MAL” OU “MENOS MAU”?

Estamos diante de um caso em que podemos nos confundir facilmente, porque no exemplo não há um verbo explícito (a frase quer dizer: “é menos ruim que seja assim”).

Na dúvida, é sempre interessante usar o artifício da substituição para as palavras **mau** e **mal**, justamente porque elas soam iguais, dificultando o seu registro gráfico. Além dos dois substitutos acima assinalados, é possível pensar que **MAU** é “**RUIM**” e que **MAL** é “**DE MODO RUIM**”. Então vejamos:

- *O resultado do futebol hoje foi menos ruim (não se diria “foi menos de modo ruim”). Portanto: O resultado hoje foi **menos mau** (contrário: menos bom / favorável).*
- *O Brasil classificou-se em segundo lugar no seu grupo, mas passou à fase seguinte. Menos ruim! Portanto: **Menos mau!***

UM MINUTO DE SILENCIO.
UMA HOMENAGEM AO
SÓCIO EMÉRITO, SEU TOM.



O MINUTO DE SILÊNCIO ANTES DA PARTIDA FOI EM HOMENAGEM A UM “SÓCIO-EMÉRITO” OU “SÓCIO EMÉRITO” DO CLUBE?

Emérito é um adjetivo, quer dizer eminente. O hífen não deve ser usado quando se escreve: sócio patrimonial, sócio emérito, sócio remido e sócio honorário, pois o segundo termo é um adjetivo (na composição de substantivo + adjetivo o normal é não hifenizar). Já em sócio fundador e sócio contribuinte podemos hifenizar, pois as palavras “fundador” e “contribuinte” têm a função de substantivo (o fundador, um contribuinte) e também de adjetivo (uma ação contribuinte para o bem comum; uma ação fundadora de princípios); por estes exemplos, nota-se que no caso em discussão o que se usa é o substantivo. Em princípio, então, seria melhor usar o hífen. Entretanto, devemos admitir que gramaticalmente as duas formas são corretas: sócio-fundador / sócio fundador e sócio-contribuinte / sócio contribuinte (PIACENTINI)⁸.

Portanto, voltando ao questionamento, sendo emérito um adjetivo, o correto é grafar sócio emérito (sem hífen).

⁸ Citação extraída do site: www.linguabrasil.com.br/mural.consultas-detail.php?id=10851, acesso em 15 junho de 2018.

O JOGADOR NÃO QUIS DAR ENTREVISTA, PORQUE ESTAVA ATRASADO PARA UMA “MESA-REDONDA” OU “MESA REDONDA” NUM PROGRAMA DE TEVÊ?

Mesa-redonda no caso do questionamento é palavra composta, portanto tem hífen (cf. *Houaiss* e outros dicionários), pois ainda que formada de substantivo (mesa) com adjetivo (redonda), ela tem um significado novo ou simbólico (como em cachorro-quente, amor-perfeito).

Mesa-redonda é o que denominamos de um debate, uma reunião entre pessoas, onde se é discutido um tema ou assunto, sobre o qual todos os participantes têm o direito de manifestar suas opiniões de forma democrática, simbolizado, normalmente, por uma mesa redonda.

Esse tipo de reunião, também, pode ter caráter decisório, onde os membros, governantes, dirigentes de clubes, dentre outros, decidem, de forma democrática, o destino de algo ou chegam a um acordo sobre um assunto de interesse de todos os envolvidos no debate ou na negociação.

Portanto, o jogador não quis dar entrevista, porque estava atrasado para uma mesa-redonda.

A INFORMAÇÃO NÃO CONSTAVA “NA URL” OU “NO URL” DA FIFA?

URL (*Uniform Resource Locator*) é exemplo de um fenômeno linguístico denominado **acrografia (ou sigla)**, ou seja, grafia em abreviatura, de uma locução (**acrógrafo**)

formada por meio das letras iniciais dos vocábulos componentes, que formam em conjunto um nome próprio, também conhecida na língua inglesa como “inicialismo” (*initialism*). FIFA é um **acrógrafo (ou sigla)** formado a partir das letras iniciais de *Fédération Internationale de Football Association*.

Como vimos, ratificando, a sigla ou acrógrafo é a representação de um nome por meio de suas iniciais.

Exemplo:

Instituto **N**acional do **S**eguro **S**ocial (**INSS**)

Apesar de obedecer às mesmas regras dispostas para as **siglas**, os **acrônimos** são distintos delas, ou seja, são palavras formadas das primeiras letras (ou sílabas de outras palavras).

Exemplos:

Petróleo Brasileiro S.A (Petrobras)

Banco Brasileiro de Descontos S.A.(Bradesco)

Assim os acrônimos com mais de três letras apresentam-se em “caixa baixa – minúsculas” (vogais ou consoantes) após a primeira letra, que é “caixa alta – maiúscula” (vogal ou consoante), que formam palavras.

Siglas ou acrógrafos e acrônimos devem vir precedidos de seu respectivo significado e com trave (porém, caso eles sejam postos entre parênteses, após seu significado, a trave é dispensada), apenas em suas primeiras ocorrências.

Exemplo:

Diário Oficial do Estado (DOE)

Em português, a URL seria um localizador-padrão, uniforme, de recursos. A dúvida é saber, com certeza, se deveríamos concordar, aqui, com a sigla em inglês e dizer: o URL ou a URL. Muitos dizem a URL porque fazem alusão à página na Internet e a eles me associo.

Não se trata a dúvida acima de uma fácil compreensão e precisamos utilizar a analogia com os estrangeirismos, como bem assenta na sua espetacular www.linguabrasil.com.br a Professora Maria Tereza de Queiroz Piacentini:

“Apesar de ‘hour’ ser ‘uma’, já que se trata literalmente de hora, em português se diz um *happy hour*, porque a tradução é ‘um encontro’. É uma espécie de concordância ideológica. Nessa linha, temos os *workshops* [treinamento ou oficina de treinamento], os *softwares*, o *marketing*, a *newsletter* [comunicação de eventos e notícias]. Como em inglês o gênero de tais palavras é neutro, a concordância se faz mais com a ideia que a palavra transmite do que com a tradução literal. O mesmo se dá com as siglas, portanto: a URL [a página na internet ou a localização / localizador].”

REFERENTE À PALAVRA “DESTRO”: O TIMBRE É ABERTO (Ê) OU FECHADO (É)?

Destro (ê ou é) pode ser um adjetivo, como um substantivo masculino. Possui a forma feminina, destra (ê ou é) e seu plural destros (ê).

Destro é um termo com origem no vocábulo latino *dexter* e que se utiliza, como adjetivo, em referência a quem é direito (isto é, quem tem uma tendência natural a usar o lado direito do seu corpo).

Embora a tradição lexicográfica registre o timbre fechado “ê” na vogal tônica em **destro** e **destra**, a ocorrência mais comum é o timbre aberto, mesmo entre indivíduos cultos. Por isso, os dicionários já admitem a pronúncia “é” e “ê”.

Acréscimos: a pessoa que costuma usar a mão direita ou a perna direita, por conseguinte, é destra. Pelo contrário, quem usa com maior frequência a mão esquerda ou a perna esquerda chama-se esquerdino (adjetivo) ou esquerdo (substantivo e adjetivo) ou canhoto (substantivo ou adjetivo) ou esquerdote (adjetivo), todos registrados no VOLP.

Exemplos:

“Os batedores esquerdinos (canhotos) são bem mais difíceis para os goleiros”.

“O atleta era canhoto, mas sabia chutar tão bem com o pé direito quanto com o esquerdino (esquerdo)”.

“A jogada exitosa do time adversário foi pela lateral esquerda (esquerdote)”.

OS JOGADORES E A COMISSÃO TÉCNICA REZARAM “JUNTOS AO” OU “JUNTO AO” CÍRCULO CENTRAL DO GRAMADO APÓS O TÉRMINO DA PARTIDA?

Por vivermos num país predominantemente católico, no Brasil, muitas vezes, os atletas e dirigentes que

servem a Seleção Brasileira ou mesmo seus clubes de origem, após uma conquista de título ou mesmo uma classificação para outra fase eliminatória de uma competição, manifestam-se em agradecimento, reunindo-se em oração.

Junto pode ser um adjetivo e nessa condição possui uma função predicativa, aparecendo ao lado de um verbo que não é de ligação e, na sintaxe, pode funcionar como um “predicado verbo-nominal”: *Eles sempre rezam **juntos** antes e depois das partidas, perdendo ou vencendo os jogos.*

Mas **junto**, também, pode ser um advérbio e, nesse caso, ao contrário do adjetivo, é invariável, tendo como significados: “juntamente (o contrário de separadamente), acompanhado de (em anexo); ao mesmo tempo”: **O árbitro guardou os cartões amarelo e vermelho junto com o apito. “Ataquem junto com os pontas’, gritou o treinador para os centroavantes.”** [Centroavantes e pontas atacando ao mesmo tempo].

No entanto, ainda como advérbio, **junto**, também, pode ter o significado de “**ao lado, perto**” e, nesse caso, usa-se a locução prepositiva (reunião de dois vocábulos, sendo um deles uma preposição, que conservam individualidade fonética e mórfica, mas constituem uma unidade significativa para determinada função).

Exemplos: “*Eles rezaram **junto ao** círculo central do gramado*”. “*Os torcedores não paravam de vaiar o treinador **junto ao** gramado*”. “*Mal previu o treinador adversário que o espaço que o centroavante algoz procurava ficava **junto à** lateral esquerda*”. “*Construíram todas as suas jogadas **junto à** lateral direita*”.

Portanto, a resposta para o questionamento é “Os jogadores e a comissão técnica rezaram junto ao círculo central do gramado após o término da partida”.

“ELEMENTO SURPRESA” OU “ELEMENTO-SURPRESA”?

Para estabelecermos se uma palavra possui hífen não podemos nos desvincular da regra de pluralização das palavras compostas, precisamos identificar a classe gramatical dos elementos que compõem o vocábulo. No caso de elemento-surpresa temos, sim, uma palavra composta, precisamente um substantivo composto com dois substantivos. Como o substantivo é variável em número, ambas as palavras vão para o plural quando formam um composto unido por hífen. É o caso de: diretores-presidentes, sócios-gerentes, sócios-torcedores, sócios-atletas, médicos-ortopedistas, etc.

Exemplo:

“O volante ao vir de trás, desferiu um chute certeiro, revelando-se o elemento-surpresa para o time adversário, que imaginava que a bola fosse alçada para a grande área à procura do centroavante”.

Portanto, “elemento-surpresa” tem hífen: elemento-surpresa, festa-surpresa, fator-surpresa, visita-surpresa, porque não se trata de uso de apositivo, mas de composto de dois substantivos em que o hífen toma o lugar de uma preposição (elemento de surpresa) e todas formam o plural seguindo a mesma regra, os dois vocá-

bulos serão flexionados com “S”, seguindo o plural das palavras comuns ou não.

Acréscimos:

A gramática, também, traz uma segunda possibilidade de plural quando a palavra composta carrega como segundo elemento um substantivo que funciona como determinante do primeiro, isto é, quando ele especifica a função ou o tipo do termo anterior.

Vejamos a peculiaridade dessa formação e as formas aceitas: em *diretor-presidente*, por exemplo, temos um diretor que “é” ao mesmo tempo presidente. Já em *sócio-torcedor* temos um sócio que é torcedor; em *sócio-atleta*, o substantivo *atleta*, também, designa o tipo de sócio; em *médico-ortopedista*, temos um tipo de médico. Por isso nestes últimos exemplos temos dois plurais: sócios-torcedores ou sócios-torcedor, sócios-atletas ou sócios-atleta, médicos-ortopedistas ou médicos-ortopedista e não uma só forma plural.

Os substantivos que se enquadram nessa regra são mais abundantes do que aqueles da regra anterior referente a elemento-surpresa. E entre as duas formas possíveis é mais comum aquela em que se pluraliza apenas o primeiro substantivo.

Exemplos:

Plural duplo: atividades-fins / atividades-fim, bananas-maçãs / bananas-maçã, bolsas-escolas / bolsas-escola, caminhões-pipas / caminhões-pipa, edifícios-sedes / edifícios-sede, horas-aulas / horas-aula, licenças-prêmios / licenças-prêmio, palavras-chaves / palavras-chave, papéis-borrões / papéis-borrão, papéis-cópias / papéis-cópia,

papéis-jornais / papéis-jornal, prisões-albergues / prisões-albergue, seguros-desempregos / seguros-desemprego, vales-transportes / vales-transporte.

QUAL É O PLURAL DE “ÔNIBUS”?

A origem de “ônibus” vem de *omnibus*, que é o *dativo*, com declinação do latim de “que” ou “o que dá”, plural latino de *omnis*, que tem como significado “para todos”.

Normalmente, o plural das palavras terminadas por “s”, desde que não oxítonas (mês – meses, freguês – fregueses, país – países, português – portugueses, revés – reverses), ônibus é palavra proparoxítona, faz-se do mesmo modo que no singular: bônus, cais, lápis, ônus, pires, vírus, xis.

Assim também se dá com a palavra ônibus, acima questionada.

Exemplos:

*“Os torcedores do Flamengo eram tão poucos, que não lotavam um **ônibus**”.*

*“Os torcedores do Vasco da Gama eram tantos, que lotavam vinte **ônibus**”.*

*“Um **ônibus** veio trazendo os dirigentes do clube”.*

*“Dezenove **ônibus** vieram trazendo a torcida cruzmaltina”.*

A SELEÇÃO BRASILEIRA DE 1982 É “O ÍDOLO” OU “A ÍDOLA” DAQUELA GERAÇÃO?

Será que a palavra ídolo tem uma forma feminina? É claro que não!

Na língua portuguesa, todos sabemos que existem substantivos que têm uma forma definida e específica para o masculino e outra para o feminino: “o jogador, a jogadora; o árbitro, a árbitra; o bandeirinha, a bandeirinha”.

Ainda quanto à classificação dos substantivos, há os chamados comuns de dois, ou comuns de dois gêneros, que têm uma só forma para o masculino e para o feminino, e a distinção se faz pelo artigo que o precede ou por outro determinativo acompanhante: “honesto cartola; a cartola” (*dirigente do sexo feminino*).

Há, também, os epicenos, que são os substantivos de um só gênero, e a distinção se faz pelo acréscimo dos adjetivos macho e fêmeo: “cobra macho; jacaré fêmea”.

Finalmente, não podemos olvidar o substantivo sobrecomum, que é o substantivo de um só gênero, relativo a seres de ambos os sexos, sem variação de forma e sem distinção por artigo ou por acréscimo de determinativo acompanhante: “o bebê; a criança; o indivíduo; a pessoa; a testemunha; a vítima”.

Quanto ao questionamento: ídolo é um sobrecomum, de modo que, sem variação de forma e sem distinção por artigo ou por acréscimo de determinativo acompanhante, diz respeito tanto a pessoas do sexo masculino como a pessoas do sexo feminino.

Exemplos:

“Roberto Dinamite é **o ídolo** de toda a nação vascaína” (*correto*);

“Marta Vieira da Silva, eleita pela FIFA cinco vezes consecutivas a melhor **jogadora** de futebol do mundo entre os anos de 2006 e 2010, é **o ídolo** de muita menina que gosta de futebol” (*correto*).

Portanto, a construção correta seria: “A Seleção Brasileira de 1982 é o ídolo daquela geração.”

DEPOIS DO FATÍDICO 7 x 1 NA COPA DO MUNDO NO BRASIL, MUITOS TORCEDORES BRASILEIROS NÃO DESEJAM UMA “RE-EDIÇÃO” OU “REEDIÇÃO” DO CLÁSSICO ALEMANHA X BRASIL PARA AS PRÓXIMAS COMPETIÇÕES MUNDIAIS?

A grafia correta de reedição, diríamos, é uma exceção à regra, mas sem uma justificativa minimamente plausível. É que segundo o disposto na Base XVI, 1.º, alínea b) do Acordo Ortográfico de 1990, utiliza-se o hífen:

*“Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento” (ex.: anti-inflamatório, sobre-endividamento, micro-ondas). O texto do Acordo Ortográfico é inequívoco relativamente ao uso de hífen com um prefixo que termina na mesma vogal com que se inicia o elemento seguinte, pelo que esta regra deveria ser também aplicada ao prefixo **re-**. As regras para o uso do hífen nos casos de prefixação passam, com o Acordo de 1990, a ser gerais e contextuais, ao contrário do Acordo de 1945, que aplicava regras específicas a um prefixo ou a um grupo fechado de prefixos. Para este ponto, o texto legal estabe-*

lece uma única exceção, na nota à alínea b) do ponto 1.º da Base XVI, referindo-se apenas ao prefixo **co-**, que deverá ser usado sempre sem hífen”(-FIGUEIRA, 2011)⁹.

No entanto, no Brasil, “a Academia Brasileira de Letras (ABL), no seu Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (São Paulo: Global, 2009), entendeu que deveria instituir uma exceção para o prefixo **re-**. A única justificativa apresentada (não muito convincente) pela Comissão de Lexicologia e Lexicografia da ABL na “Nota Explicativa” (pp. LI a LIII) do referido Vocabulário é que uma das medidas tomadas foi ‘incluir, por coerência e em atenção à tradição lexicográfica, os prefixos **re-**, **pre-** e **pro-** à excepcionalidade do prefixo **co-**” (FIGUEIRA, 2011)¹⁰, sempre grafado sem hífen. É no mínimo estranho o posicionamento e, também, difícil de entender o porquê, pois se para os prefixos **pre-** e **pro-** parece haver uma justificativa, não pela alínea b) do ponto 1.º da Base XVI, mas pela alínea f), o mesmo não acontece com o prefixo **re-**. Por outro lado, é no mínimo um contrassenso pretender invocar a tradição lexicográfica quando se trata de um tópico sobre o qual o Acordo Ortográfico se pronuncia alterando, justamente, a tradição lexicográfica e as indicações prescritas pelo Acordo Ortográfico anterior.

Discussões à parte, em resposta ao questionamento, a grafia registrada pelo VOLP é apenas **reedição**, sem hífen.

^{9,10} Texto extraído do site: <https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/4028>, acessado em 12 maio de 2018.

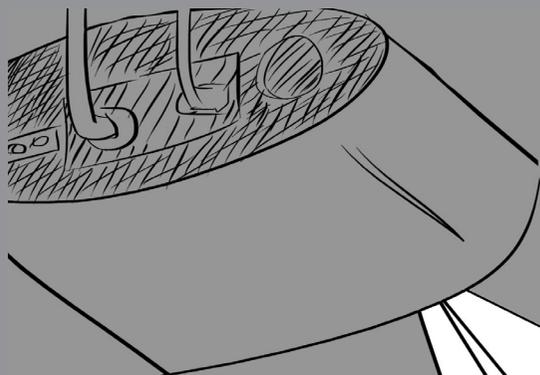
A PERGUNTA CORRETA SERÁ: “QUEM VOCÊ TORCE?” OU “POR QUEM VOCÊ TORCE?”

Notadamente, existe uma diferença gritante entre “Quem você torce?” e “Por quem você torce?”.

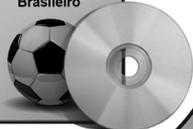
“Torcer” pode ser fazer girar um corpo pelas suas extremidades, cada uma em sentido contrário, o que não parece ser possível fazer com um time de futebol, mas, na linguagem futebolística esse verbo transitivo tem o significado de dar apoio a ou esperar um resultado positivo de seu time de futebol: *“Torcemos pelo Clube de Regatas Vasco da Gama”*, ou seja, rege pela combinação da preposição ‘por’ mais ‘o’, igual a ‘pelo’.

Agora quando o complemento do verbo “torcer” é uma oração, aí a regência passa a ser “torcer para”: *“Vamos torcer para que o Vasco da Gama consiga muitos títulos este ano”*.

A correta construção questionada, portanto, não pode prescindir da preposição “por”, que acompanha o pronome interrogativo “quem” justamente para estabelecer relações entre as palavras, porque quem torce torce por algo ou por alguém ou para que algo aconteça ou para que alguém consiga alguma coisa ou pelo seu time. Não devemos esquecer que “pelo” nada mais é do que uma combinação oriunda da adição da preposição “por” com o artigo definido “o” (por + o), o mesmo que “por o”. O que não é correto é a expressão “Torcer Flamengo”, nesse caso, o certo é dizer “Torcer pelo Vasco”, “Torcer para o Vasco ganhar”, “Torcer por o Vasco”.



Os Melhores Lances
e Estratégias
de Futebol
dos Campeonatos
Europeu e
Brasileiro



OTREINADOR DA SELEÇÃO BRASILEIRA SOLICITOU-NOS “OS DVD” OU “OS DVDS” OU “OS DVD´S” DOS JOGOS DA ALEMANHA”?

Se recorrermos a um dicionário de linguística, encontraremos, normalmente, o termo **acrógrafo**, que no popular não passa de uma referência às siglas. O **acrógrafo** (sigla) é um conjunto formado pelas letras iniciais de várias palavras.

DVD (*Digital Versatile Disc*) é uma sigla, exemplo típico de acrógrafo. Aliás, já tivemos a oportunidade de nos reportar ao fenômeno linguístico da **acrografia** ao analisarmos o gênero da palavra URL neste livro.

A **acrografia** é o fenômeno que ocorre na formação dos vocábulos usados como uma única palavra pela soletração das letras das demais palavras que a compõem.

Ainda que assentemos que o VOLP não registra o aportuguesamento da palavra referida pela sigla DVD, ou seja, não existe registro da palavra “devedê”, como ocorre com “tevé”, é possível a flexão plural de um ou mais desses termos, normalmente aquela última palavra que corresponde à materialização e concretude da coisa, do objeto. No caso específico, DVD é um disco contendo dados digitais reproduzíveis, portanto, a “pluralização” é possível, sem que as iniciais se alterem (ex.: CDs, TVs, LPs).

A sigla DVD poderá ser usada com a mesma forma para o singular e para o plural (ex.: **um DVD, dois DVD**) ou simplesmente com a adição de **-s** no final (ex.: **DVDS**). Esta segunda utilização não é proibida ou rejeitada pelas regras de ortografia da língua portuguesa (os acor-

dos ortográficos nada falam a esse respeito), e o simples acréscimo de **-s** parece resultar da função nominal dessas palavras, que é a característica das palavras na sua flexão em número.

O que não se concebe, no entanto, acaso optemos pela segunda possibilidade mencionada, é a utilização do apóstrofo **entre a última letra do acrógrafo e o -s** (ex.: DVD's). A utilização do apóstrofo nesses casos não se sustenta, referido acento gráfico não é um mecanismo de flexão da língua portuguesa associado ao plural, grafia completamente equivocada nesse caso.

ELE NÃO DEVE JOGAR AMANHÃ PORQUE SE QUEIXA DE FORTES DORES “NAS COSTAS” OU “NA COSTA”?

A parte de trás do tronco humano é chamada de “costas” e com esse significado, tal substantivo feminino somente se usa no plural: “*O artilheiro se queixou de dor nas costas*”, “*Quando ia ser abraçado pelos companheiros no momento do gol, o jogador deu-lhes as costas e não quis comemorar o lance*”. “*O goleiro levou uma forte pancada nas costas*”.

Já a palavra “costa”, sem “s” no fim, que significa “porção do mar próxima da terra”, é um substantivo feminino que pode ser encontrado tanto no singular como no plural: “*O tremor de terra que atingiu a costa mexicana fez com que o árbitro interrompesse a partida por mais de trinta minutos*”. “*Por conta do desastre ambiental de Mariana, boa parte da costa do ES ficou poluída*”.

Portanto, a construção correta será: “Ele não deve jogar amanhã porque se queixa de fortes dores nas costas.”

É CORRETO USAR A EXPRESSÃO “CORRER ATRÁS DO PREJUÍZO”?

Laércio Lutibergue, professor, revisor de texto, escritor e consultor linguístico, responsável por um dos mais visitados blogues sobre dúvidas de língua portuguesa no Brasil, o “Português na Rede”, simplifica e responde com a seguinte explicação:

Quanto a “correr atrás do prejuízo”, não há o que se discutir: é uma expressão consagrada e muito lógica.

Quando digo que “A seleção brasileira está perdendo por 1x0 e tem que correr atrás do prejuízo”, o sentido é de “diminuir o prejuízo, acabar com o prejuízo”.

Não embarque, portanto, nesta história de que o certo é “correr atrás do lucro, e não do prejuízo”.

Isso é bobagem.

Na língua portuguesa, não existe a expressão “correr atrás do lucro”.

O que há é “correr atrás do prejuízo”, que, como eu disse, quer dizer “correr atrás para diminuir ou acabar com o prejuízo”.

A TORCIDA XINGOU OS JOGADORES DE “MAUS-CARÁTER” OU “MAUS-CARACTERES” APÓS A VERGONHOSA GOLEADA SOFRIDA?

O VOLP registra a palavra mau-caráter como podendo ser um adjetivo ou um substantivo inerente aos dois gêneros (masculino e feminino: jogador mau-caráter, jogadora mau-caráter), portanto, trata-se de uma palavra variável cujo plural é **maus-caracteres (primeiro “e” aberto), e que continua sendo paroxítona (a sílaba tônica é te-)**.

“Mau-caráter” é palavra composta formada por um adjetivo + um substantivo, ou seja, por duas palavras variáveis: MAU + CARÁTER.

Assim sendo, o plural de “**mau-caráter**” é “**maus-caracteres**”. Difícil ou impossível mesmo será ouvir a torcida gritando: “Maus-caracteres!” “Maus-caracteres!”

SEGUNDO AS REGRAS QUE ESTÃO “VIGINDO”, FOI PÊNALTI? OU SEGUNDO AS REGRAS QUE ESTÃO “VIGENDO”, FOI PÊNALTI?

A dúvida ocorre porque não se entende que o nome do verbo é **viger, do latim *vigere* e não *vigir***. **Viger** é o mesmo que vigorar, estar em vigor.

Acréscimos: falando de normas e regulamentos, o emprego das iniciais maiúsculas no Formulário Ortográfico de 1943 (oficial) em termos dessa natureza não ficou bem claro. **Maria Tereza de Queiroz Piacentini, autora dos livros**

“Só Vírgula” e “Só Palavras Compostas”, diretora do Instituto Euclides da Cunha - www.linguabrasil.com.br, **alerta-nos sobre tais dificuldades no referido formulário e diz que ali não se tratou das iniciais em nomes compostos:**

O que tem servido de guia para os gramáticos é o exemplo de Capitão-de-Mar-e-Guerra, que aparece na Observação do item 14º e que faz supor devam todos os elementos de um nome próprio iniciar com caixa-alta. Lá no 12º, porém, na exemplificação de documentos oficiais, consta: “A lei de 13 de maio, o Decreto-lei nº 292, o Decreto nº 20.108 [...]”, ao que Celso Luft objeta em nota de rodapé no seu Grande Manual de Ortografia Globo (1985:260): “Nas composições hifenizadas, os elementos gozam de independência gráfica: Decreto-Lei, com L maiúsculo (CUNHA,2014)¹¹.”

O ATACANTE AO CHUTAR “VISOU O CANTO” OU “AO CANTO” ESQUERDO DO GOLEIRO?

O Professor **José Maria da Costa**, que escreve para a prestigiada Seção **Gramatigalhas**, do sítio eletrônico www.migalhas.com.br, ao responder à dúvida de um leitor, aborda de forma brilhante, convincente e com bastante percuciência a regência verbal do verbo “visar”:

¹¹ Texto extraído do site: <http://linguabrasil.com.br/nao-tropece-detail.php?id=727>, do Instituto Euclides da Cunha, acessado em 13 abril de 2018.

1) Quanto à regência verbal, na lição de Artur de Almeida Torres, “é transitivo direto nas acepções de pôr o sinal de visto em; apontar arma de fogo”. Exs.:

a) “**Visar** um passaporte” (Caldas Aulete);

b) “**Visa** sempre o mesmo alvo” (Mário Barreto).

2) Complementa tal gramático com a lição de que, “no sentido de ter em vista um fim, dirigir os seus esforços para, tender, constrói-se como transitivo indireto, com a preposição a”. Ex.:

“Os conspiradores presos **visavam** provavelmente a estabelecer a internacional socialista” (Camilo Castelo Branco).

3) Última o referido gramático, com propriedade, que se observa, no Brasil, uma tendência a se usar do verbo **visar** sem preposição, mesmo como transitivo indireto, quando seguido de infinitivo.

Ex.: “Esta doutrina é simplesmente didática e **visa facilitar** a aprendizagem dos verbos fortes” (Otelo Reis).¹²

4) Cândido Jucá Filho lembra que, modernamente, tem sido olvidado o uso da preposição com esse verbo, trazendo ele exemplos de autores insuspeitos para corroborar seu ensino:

a) “Se **visaram este** alvo...” (Mário Barreto);

¹² Cf. TORRES, Artur de Almeida. **Regência Verbal**. 7. ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Fundo de Cultura S/A, 1967. p. 298-299.

b) “Medidas **que** a minha administração **visava...**” (Rui Barbosa).¹³

5) De Arnaldo Niskier vem a seguinte advertência para os dias atuais: “O verbo *visar*, no sentido de *ter por objetivo*, rege, historicamente, a preposição *a*; entretanto, no português moderno, seu uso como *transitivo direto* já está mais do que difundido, sendo encontrado em bons autores, independentemente da palavra que o segue. Assim, devemos considerar as duas regências corretas, apesar do espernear daqueles que vêem a língua como um cadáver conservado em formol”.¹⁴ (**Destacamos que, como se trata de uma transcrição da obra original de 1992, ainda não vigia o novo acordo ortográfico, por isso *vêm* está grafado com o acento circunflexo, mas depois da reforma o acento gráfico caiu: *veem* é a forma correta atualmente**).

6) Para esse seu emprego mais problemático, também assim, leciona Domingos Paschoal Cegalla:

a) “na acepção de *ter em vista*, *ter como objetivo*, *pretender*, constrói-se geral-

¹³ Cf. JUCÁ FILHO, Cândido. **Índice Alfabético e Crítico da Obra de Mário Barreto**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1981. p. 110.

¹⁴ Cf. NISKIER, Arnaldo. **Questões Práticas da Língua Portuguesa: 700 Respostas**. Rio de Janeiro: Consultor, Assessoria de Planejamento Ltda., 1992. p. 107.

mente com objeto indireto (preposição *a*”);

b) em tal acepção, todavia, “admite-se a regência direta”.¹⁵

7) Em nota bastante apropriada para tal significado, observa Francisco Fernandes: “Neste caso o verbo *visar* regeu sempre *complemento indireto*, introduzido pela preposição *a*; *modernamente*, porém, é comum dar-se-lhe *objeto direto*, qualquer que seja sua acepção”.¹⁶

8) Não é outro o posicionamento de Celso Pedro Luft, para quem, “nesta acepção, a regência primária é *transitivo indireto*”, correspondendo à construção *visar a*; todavia, “por causa da semântica *buscar, procurar, pretender*, passou a aceitar, também, a *transitividade direta*, dispensando a preposição”, o que “se deu, de início, principalmente com o infinitivo”. Ex.: “O ataque **visava cortar a** retaguarda da linha de frente” (Euclides da Cunha).¹⁷

9) Nesse sentido de *ter por fim* ou *objetivo*, nos textos de lei, tal verbo, de um

¹⁵ Cf. CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999. p. 413-414.

¹⁶ Cf. FERNANDES, Francisco. **Dicionário de Verbos e Regimes**. 4. ed., 16. reimpressão. Porto Alegre: Editora Globo, 1971. p. 599.

¹⁷ Cf. LUFT, Celso Pedro. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 534.

modo geral, aparece com sua construção clássica com *objeto indireto* com a preposição *a* (**visar a** alguma coisa), mas, também, há casos de sintaxe com objeto direto (que pode aparecer como sujeito da voz passiva), correspondendo à construção *visar algo*. Exs.:

a) “A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios dispensarão às microempresas e às empresas de pequeno porte, assim definidas em lei, tratamento jurídico diferenciado, **visando a** incentivá-las pela simplificação de suas obrigações administrativas...” (CF/88, art. 179);

b) “Subordinando-se a eficácia do ato à condição suspensiva, enquanto esta se não verificar, não se terá adquirido o direito, **a que ele visa**” (CC/1916, art. 118);

c) “Quando a lei dispõe sobre as condições de validade substancial ou formal de quaisquer fatos ou sobre os seus efeitos, entende-se, em caso de dúvida, que só **visa os fatos novos...**” (CC português, art. 12º, 2);

d) “As penas aumentam-se de um terço, se ocorre qualquer das hipóteses previstas no § 1º, nº 1, do artigo anterior, ou é **visada** ou atingida **qualquer das coisas enumeradas** no nº II do mesmo parágrafo” (CP, art. 251, § 2º).

10) Para o caso da consulta, assiste razão ao erudito consulente, quando diz, para o sentido causador de confli-

to, que, tradicionalmente, “o verbo *visar*, no sentido de objetivar, almejar, era transitivo indireto, ou seja, exigia preposição”. Modernamente, porém, com base em autores insuspeitos, pode-se afirmar, com segurança, que esse verbo, no mencionado sentido, pode ser tanto *transitivo indireto* (usado com a preposição *a*) como *transitivo direto* (usado sem preposição). Desse modo, estão corretos ambos os seguintes modos de expressão:

a) – “... *visando orientar decisões...*”;

b) – “... *visando a orientar decisões...*”.

De volta ao *futebolês* e ao questionamento acima, ambas as formas, portanto, estão corretas, como, também, nos seguintes exemplos: “Ao desarmar o atacante, o zagueiro apenas **visou as pernas** do adversário”. “Numa atitude impensada, o atacante **visou**, exclusivamente, **atingir** a cabeça do goleiro do outro time”.

“MUITOS POUÇOS TORCEDORES COMPARECERAM AO ESTÁDIO” OU “MUITO POUÇOS TORCEDORES COMPARECERAM AO ESTÁDIO”?

Nos exemplos acima, **MUITO POUÇOS** equivale ao superlativo plural **pouquíssimos**. **Muito poucos** é uma expressão que tem uma palavra (**muito**) que está modificando outra de valor adjetivo (**poucos**). Sendo, assim, advérbio e, portanto, **invariável**. Ora, sendo os advérbios palavras invariáveis, obviamente que não possuem flexão no plural.

No caso de “poucos”, este adjetivo está modificando o substantivo “torcedores”. É a mesma situação que já abordamos neste livro na nota “**BASTANTE OU BASTANTES?**”, que em tais casos, também, por sua própria condição de advérbio, não pode ser flexionado. Portanto, é incorreto flexionar a palavra **muito** nos exemplos questionados, estando correta apenas a segunda construção: “*Muito poucos torcedores compareceram ao estádio*”.

Acréscimos: lembre-se que o advérbio pode mudar um verbo ou uma frase inteira, enquanto que o adjetivo altera o substantivo. No entanto, palavras como INDEPENDENTE e INDEPENDENTEMENTE, DIFERENTE e DIFERENTEMENTE, ainda causam dúvidas quanto ao seu emprego nas frases, isto porque se olvida o lembrete: INDEPENDENTE e DIFERENTE são adjetivos, INDEPENDENTEMENTE e DIFERENTEMENTE são advérbios: “*Independentemente do resultado (e não “Independente do resultado”), o time já é um vitorioso por ter chegado às finais após tantas dificuldades financeiras*”; “*Independente (e não “Independentemente”), o Clube de Regatas Vasco da Gama decidiu propor uma ação judicial contra a Federação Carioca de Futebol para rediscutir as punições que lhe foram injustamente impostas*”; “*Diferentemente (e não “Diferente”) do Flamengo, o Vasco da Gama insiste em jogar na sua casa e no seu estádio*”; “*O uniforme do Vasco da Gama é diferente do uniforme da Ponte Preta*”.

JOGO IMPERDÍVEL PARA OS “AFICIONADOS” OU “AFICIONADOS”?

“Aficionado” não tem registro no VOLP, portanto, não existe. A palavra correta é **aficionado**, quer dizer,

fã, que ou quem gosta de, ama ou aprecia muito alguma atividade, alguma coisa, como um jogo de futebol, por exemplo. Segue a nossa grafia usada no espanhol.

O problema, além da grafia, é como esse adjetivo ou substantivo (aficionado, aficionada, aficionados) pode ser utilizado nas frases e como ele rege os complementos, ou seja, quais as preposições que o acompanham (pelo, por, de, a): “*Eu adoraria jogar na Premier League, não necessariamente um clube em particular, mesmo que eu fosse muito **aficionado pelo Liverpool** quando era jovem*” (frase do jogador Rabiot, meio-campista francês do PSG); “*O torcedor vascaíno é **aficionado por Martín Silva***”; “*O torcedor brasileiro é **aficionado de futebol**, assiste a todos os jogos de seu time*”; “*A torcida santista é **aficionada à mascote do clube***”.

TÉCNICO “LINHA DURA” OU “LINHA-DURA”?

No “futebolês”, diz-se linha-dura (com hífen, por ser uma palavra composta) um técnico extremamente disciplinador, exigente, que não permite que os jogadores tenham um único momento de desconcentração antes dos jogos e que exige, à risca, o cumprimento de seu planejamento tático; formal, duro; ou, por sua vez, um árbitro que é severamente disciplinador em campo, que distribui muitos cartões amarelos e vermelhos durante as partidas e que aplica com rigor as regras. Trata-se de uma palavra composta, cuja classe gramatical pode ser um adjetivo ou um substantivo de dois gêneros: “*Revoltados, os jogadores passaram a boicotar o trabalho do técnico linha-dura*”. “*A árbitra parece ser mais linha-dura do que muitos árbitros*”. “*Por ser linha-dura, o técnico não escalou os jogadores que chegaram atrasados ao treino de segunda-feira e a diretoria aplicou-lhes uma multa*”.

Segundo Houaiss, a nova Reforma Ortográfica não mudou quanto a esse ponto. “Linha dura” (substantivo), sem hífen, é empregado, principalmente, em política e religião, como uma linha de pensamento pessoal que sempre, severamente, com regras e normas drásticas reprimem àqueles que contradizem o regime autoritário (HOUAISS, 2009)¹⁸.

“O CLUBE BRASILEIRO DEVOLVEU DE VOLTA O ATLETA ARGENTINO” OU “O CLUBE BRASILEIRO DEVOLVEU O ATLETA ARGENTINO”?

Dentre os erros crassos mais comuns entre apresentadores de tevê, entrevistadores e radialistas que se envolvem com o futebol estão os pleonasmos viciosos, as redundâncias impertinentes e sem justificativa e “devolver de volta” é um desses terríveis vícios. Devolver significa dar ou mandar de volta (o que foi recebido, entregue, esquecido), portanto, “devolver de volta” é uma tautologia, um vício de linguagem, é desconhecimento preciso da significação dos termos usados.

Portanto, basta dizer simplesmente que o clube devolveu o atleta, pois já está implícito no significado que o atleta foi mandado de volta, foi entregue.

¹⁸ Texto baseado no conteúdo do site: <http://www3.uol.com.br/qualidadeconteudo/portugues/2009/11/25/ult2781u1085.jhtm>, acessado em 19 de julho de 2018.

Acréscimos: precisamos evitar as redundâncias, principalmente estes pleonasmos viciosos, erros graves de português: elo de ligação; há dois anos atrás; sorriso nos lábios; subir para cima; descer para baixo; cadáver morto; amanhecer o dia; consenso geral; conviver juntos; detalhes minuciosos; surpresa inesperada; na minha opinião pessoal; novo lançamento; degolou o pescoço; acabamento final; certeza absoluta; juntamente com; em duas metades iguais; vereador da cidade; outra alternativa; anexo junto à carta; todos foram unânimes; conviver junto; fato real; encarar de frente; multidão de pessoas; etc.

“O CLUBE QUADRIPLICOU SEU LUCRO ANO PASSADO” OU “O CLUBE QUADRUPLICOU SEU LUCRO NO ANO PASSADO”?

“Quadruplicar” não existe, o certo é o verbo “quadruplicar”, mas quadrigêmeos, quadriláteros, quadriciclos, quadrivalente, quadrissilábico, estas começam por “quadri”.

Portanto, o correto é dizer: *“O clube quadruplicou seu lucro no ano passado.”*

“TRATA-SE DE MÁS GESTÕES DURANTE TODOS OS ANOS” OU “TRATAM-SE DE MÁS GESTÕES DURANTE TODOS OS ANOS”?

Com o sentido de ser, dizer respeito a ou consistir em, a forma correta é trata-se. Quando há uma indetermi-

nação do sujeito, o correto é que o verbo seja conjugado na 3.^a pessoa do singular, independentemente do objeto indireto estar no singular ou no plural.

Exemplos:

“Trata-se de assuntos constrangedores, esses extra campo.”

“Trata-se de confusões de pessoas desocupadas e não torcedores.”

“Não se trata de esconder a verdade. Trata-se de questões pessoais.”

Na construção trata-se de, o verbo tratar atua como verbo transitivo indireto, com regência da preposição de, e a partícula se atua como um índice de indeterminação do sujeito.

Uma vez que a concordância verbal é feita com base no sujeito, é indiferente que o complemento indireto venha no singular ou no plural. Havendo um sujeito indeterminado, a concordância verbal é sempre feita com a 3.^a pessoa do singular.

Exemplos:

“Trata-se de pedidos repetidos da torcida, novos zagueiros.”

“Precisa-se de jogadores responsáveis.”

“Necessita-se de especialistas na posição, o que não ocorre.”

Acréscimos: com outros sentidos, o verbo tratar admite conjugação no plural, concordando com o sujeito das orações.

Exemplos:

“Meus pais se tratam bem: vão agora de férias pela Europa.”

“Estas doenças não se tratam com antibióticos.”

“Tratam-se com formalidade, embora se conheçam há muitos anos.”

“Trataram-se muito bem na presença das autoridades.”

“NA DESPEDIDA, O ATLETA AGRADECEU PELA TORCIDA” OU “NA DESPEDIDA, O ATLETA AGRADECEU À TORCIDA”?

Quando se agradece, agradece-se a alguém alguma coisa. Portanto, o certo seria dizer: “Na despedida, o atleta agradeceu à torcida.”

“O JOGADOR FOI ADVERTIDO COM O CARTÃO AMARELO, PORQUE FEZ ‘UMA SELFIE’ COM A TORCIDA APÓS O GOL” OU “O JOGADOR FOI ADVERTIDO COM O CARTÃO AMARELO, PORQUE FEZ ‘UM SELFIE’ COM A TORCIDA APÓS O GOL”?

Selfie é um anglicismo, um neologismo com origem na expressão americana *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada nas redes sociais pela Internet.

Normalmente um/uma **selfie** é tirado(a) pela própria pessoa que aparece na foto, com um celular que possui uma câmera incorporada, com um *smartphone*, por exemplo. Também, pode ser tirado(a) com uma câmera dig-

ital ou *webcam*. A particularidade de um(a) **selfie** é que ele(ela) é tirado com o objetivo de ser compartilhado(a) em uma rede social.

Segundo o dicionário Merriam-Webster, a primeira vez que se teve notícia da palavra *selfie*, na forma escrita, ocorreu em 2002, num sítio eletrônico de notícias australianas, mas não se viu muito a sua utilização até 2012. Em novembro de 2013, *selfie* aparecia, frequentemente, na mídia escrita e eletrônica, tanto que o Dicionário de Língua Inglesa Oxford escolheu a palavra como a “palavra daquele ano”.

Isso levou a um significativo aumento do uso da palavra nas organizações de notícia. O clímax da sedimentação da palavra como um neologismo, no mundo todo, revelou-se no dia 10 de dezembro de 2013, nas exéquias de Nelson Mandela, quando o presidente americano Barack Obama foi flagrado, tirando um *selfie* com a Primeira Ministra Dinamarquesa Helle Thorning-Schmidt e o Primeiro Ministro Britânico David Cameron.

Devemos dizer “o selfie”, “um selfie” ou “a selfie”, “uma selfie”. Portanto, ambas as formas seriam corretas, uma vez que “selfie” não integra o VOLP, mas inúmeros dicionaristas defendem tanto a forma masculina como a feminina. Como em inglês, o gênero de tais palavras é neutro, a concordância faz-se mais com a ideia de que a palavra transmite do que com a tradução literal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, Guilherme de. **Sistema Internacional de Unidades (SI) – Grandezas e Unidades Físicas – Terminologia, Símbolos e Recomendações**. 3. ed. Lisboa: Plánato Ed., 2002.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Dicionário de Questões Vernáculas**, 2. ed. São Paulo, LCTE, 1994, pág. 451/3.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática referente à língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CALDAS, Aulete. **DICIONÁRIO AULETE DE BOLSO DA LÍNGUA PORTUGUESA**. Porto Alegre, RS: L&PM; Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Lexikon Editora, 2017. Pp. 358 e 364.

DUARTE, Marcelo. **O guia dos curiosos: língua portuguesa**. São Paulo: Editora Panda, 2003.

GONÇALVES, J. Milton. **Tira-Teimas da Língua Portuguesa**. 5. ed. Revista e ampliada. Gyphus Editora, 2017.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Gramática da língua portuguesa**. Editorial Caminho, 1989. P. 787.

MARTINS, Eduardo. **Os 300 erros mais comuns da língua portuguesa**. São Paulo: Barros, Fischer & Associados, 2011.

MICHAELLS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos. Edição 1998, p.1739.

MORENO, Cláudio. **Guia prático do português correto**, v. 2. Rio Grande do Sul, 2014, p. 72. L&PM POCKET.

OLIVEIRA, Édison de. **Todo o mundo tem dúvida, inclusive você**. 4. ed. Porto Alegre: SAGRA LUZZATTO, 1998.

OLIVEIRA, Hermínio Bezerra de. **Acordo ortográfico: vocabulário das palavras modificadas**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

PERROTTI, Edna M. Barian. **Superdicas para manter seu português em ordem**. São Paulo: Saraiva, 2011.

ROCHA, Mário Augusto Batista. **Humor na ponta da língua**. Manaus: Editora Valer, 1998.

RODRIGUES, Sérgio. **Viva a língua brasileira!** Uma viagem amorosa, sem caretice e sem vale-tudo, pelo sexto idioma mais falado do mundo – o seu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SILVA, Maurício. **Guia prático da nova ortografia**. 1. ed., 5.^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Sérgio Nogueira Duarte da. **O português do dia a dia: como falar e escrever melhor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SQUARISI, Dad. **1001 dicas de português: manual descomplicado**. São Paulo: Contexto, 2015.

TERCIOTTI, Sandra Helena. **Português na prática**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

TRINDADE, João. **A Língua no bolso**: dicas de português para todas as ocasiões. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Alumnus, 2013, 2.^a tiragem.

TUFANO, Douglas. **MICHAELIS: português fácil**: tira-dúvidas de redação. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.

VICTORIA, Luiz A. P. **Tira-Dúvidas de Português em ordem alfabética**. Rio de Janeiro, RJ: Edições de Ouro.

Weiszflög, WALTER. **MICHAELIS DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA**. Editora: Melhoramentos. São Paulo. Edição 1998, p. 1739.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS DE PESQUISA:

BLOGUE DO LAÉRCIO LUTIBERGUE. Disponível em: <http://laerciolutibergue.blogspot.com>. Acesso em: 12 abr. 2018.

BLOG PORTUGUÊS SEM MISTÉRIO. Disponível em: <https://portuguessemisterio.com.br/2017/04/10/quem-nasce-no-acre-e-acreano-ou-acriano/>. Acesso em: 5 mar. 2018.

BLOGUE TODA LETRA. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/toda-letra/>. Acesso em: 9 mar. 2018.

CENTRO DE PESQUISA, DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO CONTINUADA – CPDEC. Disponível em: <http://escreverbem.com.br/>. Acesso em: 4 mar. 2018.

CIBERDÚVIDAS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/os-onzes--as-equipas/30549>. Acesso em: 18 maio 2018.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO AULETE. Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2018.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/>. Acesso em: 12 mar. 2018.

DICIONÁRIO PRIBERAM. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx>. Acesso em: 12 mar. 2018.

EXAME. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/carreira/60-erros-de-portugues-muito-comuns-no-mundo-do-trabalho/amp/>. Acesso em: 4 mar. 2018.

FIGUEIRA, Helena. **FLIP dá a volta ao texto**. Dúvida Linguística. Disponível em: <https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/4028>. Acesso em: 12 maio 2018.

FLIP DÁ A VOLTA AO TEXTO. **Dúvida Linguística**. Concordâncias com unidades (II) [Ortografia / Concordâncias]. Disponível em: <https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/1881>. Acesso em: 12 mar. 2018.

FLIP DÁ A VOLTA AO TEXTO. **Dúvida Linguística**. Pronúncia de Houaiss [Fonética e Fonologia]. Disponível em: <https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/2126>. Acesso em: 2 fev. 2018.

HOUAISS, Antonio. Disponível em: <http://www3.uol.com.br/qualidadeconteudo/portugues/2009/11/25/ult2781u1085.jhtm>. Acesso em: 19 jul. de 2018.

Língua Brasil. INSTITUTO EUCLIDES DA CUNHA. Disponível em: <http://linguabrasil.com.br/nao-tropece-detail.php?id=727>. Acesso em: 13 abr. 2018.

Língua Brasil. INSTITUTO EUCLIDES DA CUNHA. Disponível em: <http://www.linguabrasil.com.br/nao-tropece-detail.php?id=727&busca=iniciais%20em%20nomes%20compostos> Acesso em: 15 jun. 2018.

PIACENTINI. **Mural de Consultas**. Sítio Língua Brasil. Disponível em www.linguabrasil.com.br/mural.consultas-detail.php?id=10851 Acesso em: 15 jun. 2018.

Portal da Língua Portuguesa (INSTITUTO DE LINGUÍSTICA TEÓRICA E COMPUTACIONAL). Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/>. Acesso em: 13 mar. 2018.

PORTUGUÊS NA REDE: seu tira-dúvidas de português na internet. Disponível em: <http://www.portuguesnarede.com/>. Acesso em: 4 mar. 2018.

Visar – Gramatigalhas. Disponível em: <http://www.migalhas.com.br/Gramatigalhas/10,MI20705,101048-Visar>. Acesso em: 12 maio 2018.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 2 fev. 2018.

YAHOO RESPOSTAS. Disponível em: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC2Q7EiU5b-gV8A7l7z6Qt.;_ylu=X3oDMTBybGY3bmpvBGN-vbG8DYmYxBHBvcwMyBHZ0aWQDBHNlYwNzcg--?qid=20071124085524AAa7xn2. Acesso em: 11 jun. 2018.

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ**

Inesp

Thiago Campêlo Nogueira

Presidente

Ernandes do Carmo

Coordenador da Gráfica do Inesp

Cleomárcio Alves (Márcio), Francisco de Moura,

Hadson França e João Alfredo

Equipe Gráfica

Aurenir Lopes e Tiago Casal

Equipe de Produção Braille

Carol Molfese e Mário Giffoni

Equipe de Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)

Equipe de Design Gráfico

Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares Rios

Equipe de Revisão

Site: www.al.ce.gov.br/inesp

E-mail: inesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701

Fax: (85) 3277-3707



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
Av. Desembargador Moreira 2807,
CEP: 60.170-900, Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará
Site: www.al.ce.gov.br
Fone: (85) 3277-2500